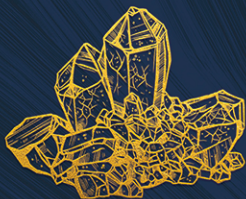


Ulisses Cuiabano



*Grusianas*

Cristina Campos (Org.)



*Gruppiaras*



Ulisses Cuiabano



*Gruppiaras*

Cristina Campos (Org.)



© Ulisses Cuiabano, 2021.

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução de partes ou do todo desta obra sem autorização expressa do autor e da editora (art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998).

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Douglas Rios – Bibliotecário – CRB1/1610)

---

C966g

Campos, Cristina (Org.).

Grupiaras./ Cristina Campos (Org.); Ulisses Cuiabano.

1ª edição. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2021.

160 p.

ISBN 978-65-88600-45-0

1. Literatura. 2. Poesia. 3. Sonetos. 4. Canções

I. Cuiabano, Ulisses. II. Título.

CDU 82

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura – Poesia – Soneto – Canções – 82

2. Ulisses Cuiabano – Biografia – 929

#### **Editores**

Ramon Carlini

Elaine Caniato

#### **Diagramação e Tratamento de Imagens**

Doriane Miloch

#### **Capa**

Marcelo Cabral

#### **Estabelecimento de Texto / Revisão**

Cristina Campos



Carlini & Caniato  
editorial

**Carlini & Caniato Editorial (nome fantasia da Editora Tanta Tinta Ltda.)**

Rua Nossa Senhora de Santana, 139 – sl. 03 – Centro-Sul – CEP: 78020-122

Cuiabá-MT – (65) 3023-5714

www.carliniecaniato.com.br - contato@tantatinta.com.br

## Sumário

|   |     |
|---|-----|
| Apresentação .....                              | 7   |
| Ulisses Cuiabano – Biografia.....               | 9   |
| O ‘Poeta das Grupiaras’ .....                   | 21  |
| Grupiaras, o Livro.....                         | 28  |
| Referências.....                                | 36  |
| Grupiaras .....                                 | 39  |
| Parte I – Miragem.....                          | 41  |
| Parte II – Meu Amado Brasil.....                | 55  |
| Parte III – Prelúdios (Versos de Antanho) ..... | 85  |
| 1. Sonetos.....                                 | 86  |
| 2. Canções.....                                 | 116 |
| Parte IV – Folhas de Outono .....               | 131 |



## Apresentação

*Cristina Campos*<sup>1</sup>

Em 2015, quando ingressei na Academia Mato-grossense de Letras (AML), ao preparar o discurso inaugural naquele sodalício, recebi em mãos cópias dos originais ainda inéditos *Crisálidas*, de Franklin Cassiano, e *Grupiaras*, de Ulisses Cuiabano, poetas que me antecederam na cadeira 16. Assumi internamente o compromisso de batalhar para que fossem publicados. A aprovação do projeto apresentado em 2020 ao Edital MT Nascentes, da Secretaria de Estado de Cultura, Esporte e Lazer do Estado de Mato Grosso (Secel-MT), resultado do fomento da Lei Aldir Blanc, possibilitou-me concretizá-lo, portanto sou grata aos governos do Estado de Mato Grosso e da União, através da Lei Aldir Blanc, e também aos familiares e amigos dos dois poetas, além dos confrades da AML<sup>2</sup>, que gentilmente colaboraram com informações, textos, documentos e fotos que alimentaram e enriqueceram a pesquisa.

Ao levantar a biografia dos dois amigos, impressionaram-me as afinidades e coincidências marcantes em suas trajetórias de vida: perdas trágicas e precoces; os dois moraram na mesma casa (de Luiz Cuiabano); foram colegas no Liceu Cuiabano; abraçaram o magistério e se dedicaram ao teatro, jornalismo

.....

1 Pesquisadora e escritora.

2 Gratidão especial a Ivens Cuiabano Scaff, Mônica Cuiabano Paes Leme, Eduardo Bussiki Cuiabano, Raquel Bussik Cuiabano, Luisinha Cuiabano, Carlos Eduardo Cuiabano e Roseli Seror Cuiabano, Lúcia Castrillon Cuiabano, Luiz Augusto Moreira, Gilberto Canavarros Nasser, Elizabeth Madureira Siqueira, Eduardo Mahon, Ramon Carlini, Doriane Miloch e Waldir Cezaretti.

e literatura (tendo o Romantismo como principal opção estética, com semelhanças na produção formal); pertenceram à AML a ao Instituto Histórico de Mato Grosso (IHMT); casaram-se duas vezes e enviuvaram, falecendo ambos no dia do aniversário de suas respectivas esposas; os títulos enxutos das obras *Crisálidas* (concluída em 1940) e *Grupiaras* (concluída em 1950) remetem a algo escondido, em gestação, ou ainda por descobrir; não por acaso, permaneceram inéditas por dezenas de anos e somente agora foram produzidas em conjunto, padronizadas com o mesmo projeto gráfico.

Ulisses Cuiabano.

Acervo de Eduardo Bussiki Cuiabano.



## Ulisses Cuiabano – Biografia

Ulisses Pereira Cuiabano nasceu em Cuiabá-MT, no dia 04.08.1891. Filho do Major honorário João Luiz Pereira e Maria Luíza Cuiabano Pereira, era o caçula entre sete irmãos: Manoel Luiz Pereira Cuiabano, Posidônio Pereira Cuiabano (avô de Ivens Cuiabano Scaff), Luiz Pereira Cuyabano, João Luiz Pereira Cuiabano Filho, Manoel Pereira Cuiabano, Lindolfo Pereira Cuiabano e ele.

A neta de Ulisses, Mônica Cuiabano Paes Leme, conta que o sobrenome do bisavô era Pereira. Como a esposa foi uma remanescente de sua família, pediu-lhe que registrasse os filhos com o sobrenome Cuiabano por último, para assegurar sua continuidade. Ele atendeu ao pedido e todos foram registrados Pereira Cuiabano, e não o contrário, como é de praxe no Brasil, que segue o critério patrilinear no registro de sobrenomes.



A família Cuiabano. Em pé: Os irmãos Posidônio, Luiz, Manoel, Lindolfo, Ulisses e Manoel Luiz. Faltou João Luiz. Sentados: Nhanhazinha (Maria Madalena Cuiabano, esposa de Posidônio), Maria Luíza Cuiabano Pereira, João Luiz Pereira (com as medalhas ganhas no combate fluvial do Alegre no rio São Lourenço, durante a guerra contra o Paraguai), Clotilde (esposa de Manoel Luiz) com a filha Nilce. Cuiabá-MT, 1906.

Acervo de Raquel Bussik Cuiabano.

Carlos Eduardo Cuiabano conta que o sobrenome foi escolhido pelos ancestrais da família no período das revoluções nativistas no Brasil, que fomentaram o repúdio à filiação com Portugal, de quem o país queria se libertar. Assim, surgiram famílias com sobrenomes peculiares, como Brasileiro e Índio do Brasil, por exemplo. A família Cuiabano descende de Felipe Fernandes, que veio de Portugal para Vila Bela na época da colonização.

Originalmente, tanto Pereira como Cuiabano eram escritos com /y/. O presidente Getúlio Vargas decretou que as letras estrangeiras /k/, /y/ e /w/ fossem banidas da língua portuguesa e então a grafia se modificou, ocorrendo a troca do /y/ pelo /i/, por isso esses sobrenomes são encontrados com



Os irmãos Cuiabano, menos Ulisses. Em pé: Luiz, João Luiz, Manoel (Maneco) e Lindolfo. Sentados, Manoel Luiz e Posidônio. Cuiabá-MT, 1909 (aproximadamente). Acervo de Carlos Eduardo Cuiabano.

a variação das duas letras, dependendo do registro, época, documento ou obra.

Ulisses fez o segundo grau no Liceu Cuiabano, onde foi colega de Franklin Cassiano<sup>3</sup>.

Sobre esse companheirismo, no discurso de recepção a Ulisses na AML, Francisco Mendes (1952-1953, p. 89) comentou:

Poeta, teatrólogo, jornalista e professor, tais os traços de analogia que vos identificam com Franklin Cassiano, e, acrescentarei mais, até nos motivos das vossas produções literárias existe essa feição, que é o vínculo mais lídimo da simpatia que vos irmanava.

3 Tendo ficado órfão muito novo, Franklin Cassiano morou, durante anos, na casa de Luiz Pereira Cuiabano, irmão de Ulisses, que também lá vivia, na rua Mal. Floriano Peixoto, numa casa de esquina com a praça Antônio Correa, atrás da igreja da Boa Morte, em Cuiabá-MT. Nesse período, conviveram intensamente, iniciando, nas palavras de Ulisses, uma “indissolúvel e cordial união durante dilatados anos” (CUIABANO, 1941-1942, p. 93).





Casa de Lulu Cuiabano, de dois ângulos. Atrás da primeira foto, avista-se o prédio da Escola Técnica Federal de Mato Grosso, hoje Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT – Campus Cuiabá). Acervo de Luiz Augusto Moreira.



Luiz Cuiabano e a esposa, Luíza Ponce Bastos Cuiabano. Acervo de Luiz Augusto Moreira.



E acrescentou:

Se é certo que a amizade, essa fina flor do sentimento humano, constitui o elo verdadeiro que estreita as almas que integram as sociedades, não é menos certo que ela é a própria substância que forma a argamassa com que se alicerçam as inteligências, que cimenta a união dos espíritos que intelectualmente se estimam (op. cit., p. 88).

No Liceu Cuiabano, Ulisses bacharelou-se em Ciências e Letras. Também se formou na Escola Técnica de Comércio de Cuiabá, em 31.12.1932.



Documentos de Ulisses: carteiras de identidade e profissional.

Acervo de Mônica Cuiabano Paes Leme.

Optou pela carreira do magistério, tendo atuado como professor de História, Geografia e Inglês no Liceu Cuiabano e na Escola Normal Pedro Celestino. Dirigiu um grupo escolar em Rosário Oeste-MT e o Senador Azeredo, no bairro do Porto, em Cuiabá. Em 1947, dirigiu o Departamento de Educação e Cultura do Estado de Mato Grosso. Sobre essa lide educacional, o Pe. Wanir Delfino Cesar (1952-1953, p. 167) disse o seguinte:

Exerceu com proficiência o magistério e, nesse apostolado, nunca assaz louvado pela sua nobreza, conquanto seja a mais desamparada das atividades, Ulisses conquistou sempre a simpatia dos seus alunos [...].

Ele fundou e presidiu a Sociedade de Folclore Mato-grossense.

Foi membro da Academia Mato-grossense de Ciências Contábeis (Amacic), sendo patrono da cadeira 52; sócio efetivo do Centro Matogrossense de Letras<sup>4</sup>; e membro do Instituto Histórico de Mato Grosso.

4 Na sua fundação, em 1921, o Centro Matogrossense de Letras contava com 12 sócios fundadores, que criaram 24 cadeiras e nomearam seus patronos. O critério desta nomeação foi a ordem alfabética. Ulisses Cuiabano, então, foi convidado por Estevão de Mendonça a ocupar a cadeira 16, tendo por patrono José Thomaz de Almeida Serra. Em 04.01.1925, ele comunicou sua mudança de residência para Santo Antônio do Rio Abaixo (atual Santo Antônio do Leverger) e solicitou se tornar sócio correspondente da AML. O Centro tornou-se Academia Mato-grossense de Letras no dia 07.09.1932. Em outubro do mesmo ano, o número de cadeiras foi ampliado para 30, ocorrendo um rearranjo em sua numeração, cujo critério se tornou a antiguidade dos patronos. Em 1944, uma nova mudança ocorreu, pois a AML buscou se equiparar à Academia Brasileira de Letras, que, por sua vez, se espelhava no modelo francês e o número de cadeiras subiu para 40. Assim, 10 novos patronos foram acrescidos. Após a morte de Franklin Cassiano em 1940, Ulisses foi convidado a suceder o amigo e, em 1941, passou a ocupar a cadeira 16 (SIQUEIRA, 1996, p. 15-34).





Ulisses pertenceu à Maçonaria. Uma curiosidade é que, por este fato, quando faleceu, o padre responsável pela igreja matriz de Cuiabá recusou-se terminantemente a rezar missa na intenção de sua alma<sup>5</sup>. Apesar disso, ele era muito amigo de outro padre, com quem frequentemente debatia questões filosóficas, religiosas e sociológicas.

Dizem que Ulisses possuía um temperamento brincalhão e costumava colocar bilhetinhos nos bolsos dos amigos.

Cultivava uma hortalixa em casa e, à noite, ficava vigiando com uma vela para que as formigas não a atacassem.

Dominava vários idiomas, como o inglês (do qual foi professor), um pouco de francês, espanhol, tupi-guarani e era fluente em esperanto, através do qual se correspondia com pessoas de várias partes do mundo.

No período em que morou em Santo Antônio do Leverger, cultivou muitas amizades. Em Cuiabá, no bairro do Mundéu, hospedou diversas pessoas vindas do interior para estudar, dentre elas José Lito Bicudo, que viveu em sua casa por alguns anos e dizia admirar a cultura geral do amigo. Nunca sabia quando ele estava brincando ou narrando um fato real, como a origem do sanduíche.

Ulisses contou-lhe que, em Londres do século XVIII, John Montagu, quarto conde de Sandwich – cidade histórica e paróquia civil do condado de Kent, localizada na região sudeste da Inglaterra – gostava de um carteadado e, quando começava a jogar, não se levantava para nada. Chegou a ficar um dia inteiro na mesa de jogo, comendo apenas fatias de carne fria postas entre dois pedaços de pão – daí surgiu o sanduíche, alimento mundialmente apreciado.

5 A AML e o IHMT possuíam vários membros maçons. Parece que este fato constitui um caso isolado de intolerância.

Ulisses se casou, em primeiras núpcias, com Odília Borges Cuiabano. Ele tinha 26 anos de idade e ela 13, proveniente da família Borges, de Rosário Oeste e Cuiabá. Deste consórcio, nasceram 11 filhos. Três deles faleceram precocemente: Palmiro afogou-se num poço que havia defronte à residência de Luiz Cuiabano; Neila brincava na rua, na porta da sua casa, embaixo de um carro estacionado, o motorista não a viu, saiu e atropelou-a; Filinto morreu muito novo, vítima de tétano.



Odília, a primeira esposa de Ulisses, com o filho Palmiro no colo.

Acervo de Luiz Augusto Moreira.

Os outros, por ordem de nascimento, são: Ney Cuyabano, Ulisses Cuyabano Filho, Maria da Glória Borges Cuiabano, Odílio Cuiabano, Palmiro Cuiabano (recebeu o mesmo nome do irmão que falecera), Lúcia Borges Cuiabano, Olímpio Cuiabano e Edwiges Borges Cuiabano<sup>6</sup>.

Odília faleceu alguns meses depois do parto da filha Edwiges, em 1939.

Ulisses se casou novam ente, com Nair (só se sabe o seu primeiro nome), antes do final da segunda guerra mundial, com quem não teve filhos. Faleceu nova, pois teve um tumor e a infecção se generalizou. Na época, ainda não havia penicilina.

6 Somente o sobrenome dos dois mais velhos é grafado com /y/ e apenas as mulheres receberam o sobrenome da mãe.



Ulisses e a segunda esposa, Nair.  
Acervo de Eduardo Bussiki Cuiabano.



Escola Estadual Prof. Ulisses Cuiabano, no bairro Jardim Cuiabá.  
Foto Cristina Campos.

Em Cuiabá, no bairro do Poção, existe a rua Ulisses Cuiabano; e, na rua dos Miosótis, nº 550, bairro Jardim Cuiabá, encontra-se a Escola Estadual Prof. Ulisses Cuiabano – uma justa homenagem a ele prestada.

Como jornalista, Ulisses colaborou ativamente com vários periódicos mato-grossenses: *O Jornal*, *O Correio do Estado*, *O Neophito*, *A Reação*, *O Estado de Mato Grosso*, *Revista da Academia Mato-grossense de Letras* e *A Violeta*, entre outros.

Dedicou-se a estudar a cultura mato-grossense fora da ambiência das elites, o que, na época, foi chamado de “fol-

clore”, especialmente as lendas. Publicou suas crônicas em colunas de periódicos, e também registrou os “causos” de forma poética.

Além da poesia, na qual nos legou belíssimas gemas, que patenteiam ao vivo a sua rara inspiração [...]; além de tanger a lira, manejou ele, com elegância e atração, a prosa, colaborando com diversos jornais, deixando-nos contos interessantes, focalizando coisas da atualidade, especialmente numa numerosa coleção que intitulou ‘Notas Ligeiras’. Nesses trabalhos, ele focaliza os fatos mais importantes da sociedade, bem como assuntos literários (CESAR, 1952-1953, p. 167).

Num texto em sua homenagem publicado no jornal *O Estado de Mato Grosso*, logo após o seu falecimento, José de Mesquita (1951, p. 1) afirmou:

No que, porém, mais se aprimorou o pranteado morto desta semana foi na observação e estudo do nosso folclore, havendo coligido farta messe de anotações desse gênero, das quais publicou, neste jornal, entre 1939 e 1941. Ainda há pouco, em carta a Laura Della Monica, emérita cultora desses ensaios, arrolara-lhe o nome, ao lado de Francisco Mendes, Isac Póvoas e poucos mais, como um valioso registrador dessas modalidades curiosas dos costumes e linguajar do nosso caboclo do interior. [...] Ulisses foi, de fato, um Cuiabano digno da sua estirpe e do nome que trazia.

Vizinhos e amigos, Ulisses foi parceiro de Franklin Casiano e Zulmira Canavarros na produção de peças de teatro e composição de canções. A letra do hino do Mixto Esporte Clube, time de futebol do qual eram torcedores, foi escrita por ele e musicada pela amiga.



## Mixto Sport Club

Música: Zulmira Canavarros

Letra: Ulisses Cuiabano

O Mixto Esporte Clube  
agora se apresenta.  
E pelo branco e negro,  
as cores que ostenta  
no seu pavilhão.

Seremos sempre unidos  
e sempre destemidos.  
Havemos de lutar  
e também trabalhar  
de todo coração.

Hurra!... Hurra!...

O Mixto Esporte Clube  
será o lema  
desta nossa sociedade,  
a união e também a lealdade.

Debaixo do nosso céu de anil,  
tremula altaneira  
nossa gentil bandeira.  
E pelo esporte, em nossa Cuiabá,  
teremos por fanal  
lutar, lutar, lutar  
por nosso ideal.

173

*Marcha - Mixto Sport Club - Z.M.C.*

Handwritten musical score for page 173. It features a title 'Marcha - Mixto Sport Club - Z.M.C.' and a key signature of one sharp (F#). The score includes a vocal line with lyrics in Portuguese and a piano accompaniment. The lyrics on this page are: 'O Mixto Sport Club - E pelo branco e negro - as cores que ostenta - no seu pavilhão - Seremos sempre unidos - e sempre destemidos - Havemos de lutar - e também trabalhar - de todo coração - Hurra!... Hurra!...'.

174

Handwritten musical score for page 174. It continues the vocal line and piano accompaniment from page 173. The lyrics on this page are: 'Debaixo do nosso céu de anil, - tremula altaneira - nossa gentil bandeira. - E pelo esporte, em nossa Cuiabá, - teremos por fanal - lutar, lutar, lutar - por nosso ideal.'

Letra e partitura do hino do Mixto Esporte Clube manuscritas por Zulmira Canavarros.

Fonte: DORILEO, 1976, p. 173-174.

Ulisses e rapaz desconhecido, em Águas Calientes (sem registro do município).

Acervo de Eduardo Bussiki Cuiabano.



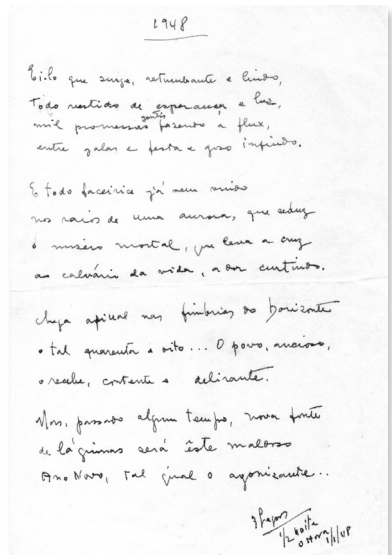
## O 'Poeta das Grupiaras'

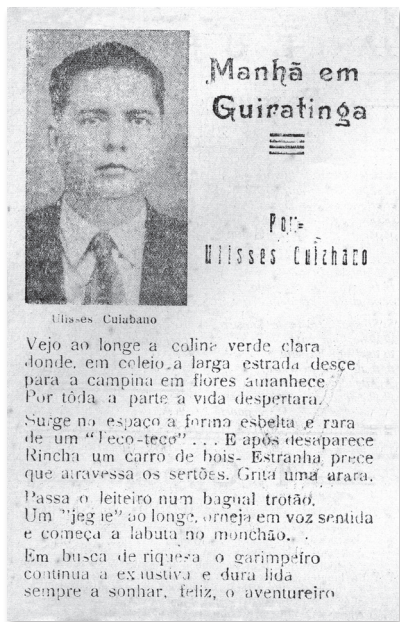
Ulisses Cuiabano também se dedicou à poesia. Escrevia, geralmente a lápis, em folhas avulsas de papel, que depois eram datilografadas e encaminhadas aos periódicos. Nomeou o volume recolhido de *Grupiaras*, o qual pretendia publicar. Por causa disso, com o correr dos anos e a popularização dos manuscritos, recebeu de seus pares a alcunha de “O Poeta das Grupiaras”.

Na categoria de literato e poeta, suas produções foram veiculadas em diversos periódicos mato-grossenses: *Correio do Estado*, *A Reação*, *A Cruz*,

'1948', soneto inédito de Ulisses, de 1º de janeiro de 1948.

Acervo de Mônica Cuiabano Paes Leme.





Página do jornal *Novo Mundo*, de Guiratinga-MT.

Fonte: NOVO MUNDO, abr./jun. 1949, p. 9.



*O Neófito, O Estado de Mato Grosso, A Violeta, Pindorama, Novo Mundo*, entre outros, e nas revistas do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, do Centro e da Academia Mato-grossense de Letras.

A maior parte das poesias de Ulisses Cuiabano vincula-se à estética romântica, com pincladas parnasianas, no entanto há pistas de que ele se interessava pelo Modernismo, o que foi rechaçado por seus pares na época, pois rezavam na cartilha do programa encabeçado por Dom Aquino e José de Mesquita.

Com a criação do Centro Matogrossense de Letras, eles intencionaram nortear a produção literária e cultural do Estado, que deveria estar afinada com a estética mista de Romantismo e Parnasianismo, constituindo uma geração de escritores que se perpetuou por longos anos, com fortes ecos até hoje, evidenciados em Cuiabá-MT pela cultura de salão<sup>7</sup>.

7 Para uma melhor compreensão da constituição de gerações na Literatura Contemporânea em Mato Grosso, conferir Mário Leite (2015) e Eduardo Mahon (2021).

Isso se comprova no discurso do recipiendário Pe. Wanir Delfino Cesar na AML, ao suceder Ulisses Cuiabano na cadeira 16. Ardoroso fã de Dom Aquino, defensor da estética parnasiana e do rigor formal, afirmou:

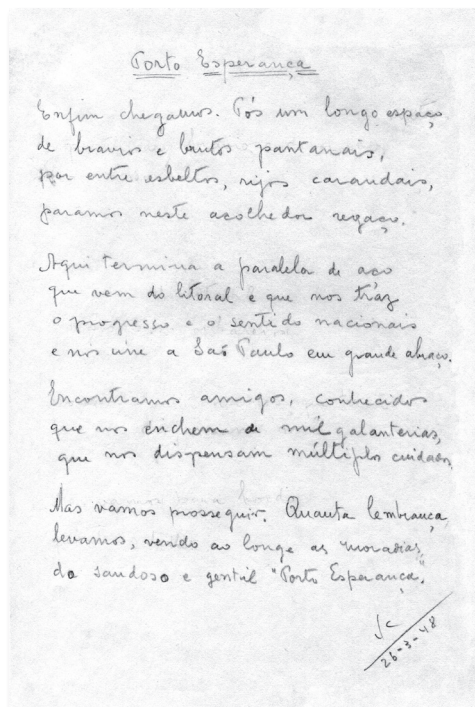
Ao falar do apuro da forma, de que foi zeloso artífice, dessa forma hoje em dia tão vilipendiada pelos falsos pregoeiros de um modernismo desvirtuado, faz-se mister que se diga que Ulisses Cuiabano aderiu ao movimento modernista encabeçado por Graça Aranha [...].

Ulisses Cuiabano, apesar de sua adesão ao Modernismo, conservou sempre o apuro da forma, que se revela nos belos sonetos que compôs e nos outros gêneros poéticos, que constituem as várias coleções de suas obras inéditas: *Grupiaras – Somente para você – Sonhos de outono* (CESAR, 1952-1953, p. 162-163).

Estimulado a repetir uma fórmula popular que dominava com precisão, Ulisses cedeu à pressão acadêmica: suas últimas poesias, ainda manuscritas, são sonetos inéditos românticos, falando de amor e também dedicados a cidades mato-grossenses, locais significativos e nomes ilustres que ele elegeu para homenagear.

'Porto Esperança', soneto inédito, de 26.03.1948.

Acervo de Mônica Cuiabano Paes Leme.



Por outro lado, há registros indiciando que foi um dos pioneiros, em nível nacional, na produção de haicais, num momento em que a segunda guerra mundial acontecia e tudo o que se referia ao Japão e à Itália era menosprezado, dada sua aliança com a Alemanha. Seu haikai mais divulgado nas redes sociais<sup>8</sup> é:

Partida, hora amarga.  
Enche-se alma de saudades  
e os olhos de lágrimas...

Nesse sentido, a poesia de Ulisses possui alguns tons distintivos dos seus contemporâneos: ainda que uma parte dela comungue com o ideário romântico-parnasiano instituído, apresentando textos que falam de amor, descrevem árvores e a natureza com lições comparativas de moral, ufanismo, presença de pessimismo e morte, etc., ele faz um interessante registro da cultura popular, das paisagens e lendas mato-grossenses.

Com isso, atendeu ao propósito do programa esboçado por Aquino-Mesquita e, ao mesmo tempo, o poeta flertou com os modernistas, sobretudo os prosadores da segunda geração (Neonaturalismo Regionalista), que promoveram um desdobramento do Romantismo através do olhar acurado sobre as camadas populares da sociedade brasileira e singularidades locais – enfim, estrategicamente, Ulisses se poupou de desafetos. Além disso, conseguiu manifestar uma discreta originalidade em seus escritos românticos.

Francisco Ferreira Mendes (1952-1053, p. 89-90) disse:

8 Disponível em: <[www.pensador.com/haikai\\_olhos/](http://www.pensador.com/haikai_olhos/)>; e também em: <<https://pt.slideshare.net/klauddia/tipos-de-poesia>>. Acesso em: 2 jan. 2021.

[...] as vossas produções têm um colorido vivo, que realça, que entusiasma, que sugestiona pela singeleza, que são o encanto que traduz os painéis simbólicos do regionalismo mato-grossense. [...]

É que tivestes contato com o sertão de nossa terra e essa influência agiu naturalmente no vosso espírito.

Dormistes muita vez em pousos ao relento, à sombra gasalhosa dos timbosais, nas cabeceiras dos veios sem par de nossa terra: respirastes a pureza oxigênica do ar, umedecido com o sereno, fecundado pelas essências balsâmicas que se volatilizam das mimosas passifloras sertanejas; ouvistes a cantiga singela e melodiosa da simples gente do sertão, e a vossa alma de poeta se enlevou no sublime simbolismo dessas cenas tão rubras de lirismo pátrio, que as toadas sertanejas, somente elas, na sua plangência sonora, sabem comunicar aos corações. E afigura-se-me, na fantasia, passar por vossa mente aqueles quadros tão originais dos sertões mato-grossenses, quando a *Hevea brasiliensis*, então no esplendor da sua pujança, acenava para o mundo a sua munificência – o entrecruzar nas campinas viridentes, nas várzeas matizadas, nos cerrados entrelaçados de lianas, ou nos capoeirões gigantescos, dos lotes de tropas, tangidos pelos meandros sinuosos, conduzindo o rico produto que a imprevidência do tempo e a displicência inconfessável dos homens deixaram tombar na mais desoladora das crises, que haveriam de ferir a economia nacional.

Evoca-me à memória esse cenário rústico, tão peculiar à nossa selva, a clarinada dos pássaros, o esfuzio de insetos num roçar intermitente de élitros, o bimbalar festivo dos cincerros, num contínuo, ensurdecedor ruído, enchendo a natureza de harmonias, em que imperava com uma nota mística de saudade a cantiga dolente dos tropeiros, perpetuando a vida nessa policromia encantadora de sublime poesia. Essa a razão por que o vosso estro nos proporciona uma melodia tão sutil, que faz bem ao coração (op. cit., p. 89-90).



**O jogo campela livremente, na capital. Os batotoeiros, estimulados e dirigidos pelas autoridades, transformam a outrora refectória da União em imensa casa de jogo. Onde está a polícia? E o que o povo pergunta**

**NOVOS ESCANDALOS denuncia, da tribuna da Assembléa, o dep. Benedito Vaz**

Desfalques nas Diretorias de Luz e da Instrução - Quem quer ir ao Rio para conta o Estado? O senhor da ASSEMBLÉA, em sua brilhante e eloquente oratória, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás. O Sr. Benedito Vaz, que tem sido sempre o mais firme defensor da educação pública, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás. O Sr. Benedito Vaz, que tem sido sempre o mais firme defensor da educação pública, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás.

**ESTADO DE MATO GROSSO**  
 JORNAL DIÁRIO - FRENTE DEDICADO AOS INTERESSES DO POVO  
 ANO XI - CUIABÁ, (QUINTA-FEIRA) 4 DE JUNHO DE 1951 Nº. 1042

**Julio Miller**  
 O Sr. Julio Miller, deputado estadual, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás. O Sr. Julio Miller, deputado estadual, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás.



**QUE SE PASSA NA ASSEMBLEIA**  
 Querem, também, prorrogar os mandatos.

Reunião na sala capitular... Depois, a reunião prosseguiu com a leitura e discussão de um projeto de lei apresentado pelo Sr. Benedito Vaz...

**Agulha Vieira de Nascimento**  
 O Sr. Agulha Vieira de Nascimento, deputado estadual, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás. O Sr. Agulha Vieira de Nascimento, deputado estadual, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás.

**T.T. AUGUSTO MULLER**  
 O Sr. T.T. Augusto Muller, deputado estadual, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás. O Sr. T.T. Augusto Muller, deputado estadual, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás.

Comunicação da imprensa... O Sr. Benedito Vaz, deputado estadual, denunciou, na sessão de ontem, o estado de abandono em que se encontra a educação pública em Goiás.

**PROFESSOR ULISSES CUIABANO**

Faleceu nesta capital, no dia 2 do corrente, às 23 horas, o apreciado beletista pátrio, **Ulisses Cuiabano**, professor emérito que há tempo vinha exercendo entre nós, o cargo de Diretor do Departamento de Educação e Cultura.

Apesar de vir sendo extremamente delicado de dois anos para cá, o seu estado de saúde, foi com surpresa geral e com a mais profunda mágoa, que todos receberam a desoladora notícia do seu passamento.

É que, Ulisses Cuiabano, espírito bem equilibrado e coração boníssimo, pertenceu ao número desses poucos homens que descobriram o segredo de fazer a sua trajetória pela vida sem deixar desafeições e rancores.

De todas as camadas sociais partiram manifestações

*Social Democrat*

7-1-51

Matérias noticiando o falecimento de Ulisses Cuiabano.

Fontes: O Estado de Mato Grosso, 1951, p. 1; Social Democrata, 1951.

Ulisses Cuiabano, o polivalente professor, ensaísta, jornalista e poeta, faleceu em Cuiabá, a 03.01.1951, vítima de um AVC. As notas veiculadas nos periódicos da época afirmam que ele já não se encontrava bem de saúde há algum tempo.

José de Mesquita foi pessoalmente apresentar os pêsames à família e nomeou uma comissão composta por Philogônio Corrêa, Francisco Ferreira Mendes e Cesário Neto para representar a AML nos funerais do saudoso escritor.

O jornal A Cruz, de 06.03.1951, publicou na íntegra uma Ata de reunião da AML e, nela, consta algumas resoluções, dentre elas:

2. inserir, sob proposta justificada do acadêmico Rubens de Mendonça, um voto de pesar, na ata, pelo passamento do acadêmico Ulisses Cuiabano, dando-se ciência à sua família.

Em nota exibida na primeira página, o jornal *O Estado de Mato Grosso* (1951, p. 1) declarou que Ulisses deixou "[...] uma vasta bagagem como educador e escritor, sendo apreciado à sua contribuição para o estudo do folclore mato-grossense".

**O ESTADO DE MATO GROSSO**  
DIÁRIO INDEPENDENTE PUBLICADO NOS DIAS IMPARES DO MÊS  
ANO XI — Curitiba, 31 de Janeiro de 1951

**Novas facadas no Furo ao Alvo do Porto**  
Palcos e Sargento Odorico Soares de Almeida

**Pela Política**  
(Contado)

**O que se passa na Assembleia**  
Defendendo o indefensável...

**Malta grosso na corrida do ouro**  
O S. Silvestre

**Acção Social Arquidocessana**

**Membros Regionais dos Corpos de Políticos**  
AVISO

**Banco de Crédito de Amazônia S. A.**  
Compras e venda de borrachas crás e outras espécies

**CINETEATRO**  
Nas garras do lobo

**Homem de 8 vidas** com Dany Kary

Texto de José de Mesquita sobre a morte de Ulisses Cuiabano.

Fonte: *O Estado de Mato Grosso*, 1951, p. 1.



Uma boa parte das poesias de Ulisses Cuiabano escritas ao longo de sua vida, tanto as publicadas em periódicos quanto as inéditas, foi reunida por ele em *Grupiaras*. A versão que me chegou às mãos – e que ora trago à luz – obedece

NOVO MUNDO 9

## 'Luar na Estrada Longa'

J. LARANJEIRA

Para "NOVO MUNDO"

De Ignacio Raposo a Catulo da Paixão Cearense, Apollonia Pinto e Domingos Barbosa, já mortos, até Astolfo Serra e o discreto Guimarães Martin, cujo gozo maior é, permanecendo em injustificável modestia, exultar o mérito dos seus contemporâneos, tivemos sempre provas de fidalga estima. Merecida talvez, mas de qualquer forma espontânea e amável.

Nossa profunda simpatia à gente de pinamento da gloriosa Atenas Brasileira, tão fortes são os impulsos de atração, acentuados por isso, assim, ao recebermos "Luar na Estrada Longa", versos de Ribamar Pinheiro, abrimo-lo com expectativa otimista. Lendo-o não nos desiludimos. Poeta de fartos recursos, mestre no vernáculo e senhor da rima, o artista precluído pelo imortal Catulo, encanta, prende, fascina.

Ele entra, pois, em nossa intimidade espiritual, com credenciais de subido vulto. Pela riqueza, particularmente ao cantar a Mulher e o Amor, dos velhos temas que são os verdadeiros talentos renouam e transfiguram.

Quasi sempre, para apóio de seu juízo, dá o crítico aos leitores mostras do trabalho em baila. Mesmo sem termos pressiseias a censurá-lo, sigamos a praxe, adornando esta crônica com o soneto "Dentro da Dor", digno do grande Bileac e digno-lo antecipadamente, joia que se não ostenta única no escriptorio do bardo maranhense:

"Gata, mulher tem sido o meu tormento...  
Causa afinal de tudo que hei sofrido...  
Devo-lhe, além de todo o sofrimento,  
O meu sonho de glória destruído.

Gata, mulher que, apenas num momento,  
Fes do meu coração um páldio gemido,  
Freado consigo, teus meu pensamento,  
Trasento-me a seus pés, como um vencido.

Mas, sendo culto a essa viúva formosa,  
Viúdo que fez de toda minha vida  
Uma história vulgar e dolorosa,  
Quero que saibas de alma vendida,  
Que ela murmurou, às vezes, o meu nome.

E terminemos, nesta prosa insulsa, tão aquém da linguagem paradisiaca de Ribamar Pinheiro, agradecendo a Guimarães Martins a ventura, aliás encontro com mais um fulgurante companheiro de sonetos."

J. Laranjeira  
Diretor "A SEMANA"  
Rio de Janeiro - '96  
MADALENA - Est. do RIO

---

○ Poeta das "Grupiaras"

Opornoso matogrossense, conta com inúmeros poetas de grande valia, elevada inspiração e reconhecido talento artístico. Entre os seus outros, D. Aquino Correa, Otávio Cunha, Rubens de Mendonça e muitos outros, Mato Grosso é sem dúvida o berço de líricos cantores que tanto sucesso vem alcançando através dos tempos.

E entre esses bardos espontâneos, autênticos e magistrais, está Ulisses Cuiabano, uma das expressões mais fortes e vivazes da poesia regional.

O lançamento breve do seu livro GRUPIARAS virá confirmar extra-muros a sua tradição e o seu legítimo valor como grande poeta que é na literatura borbora.

Seu livro está sendo esperado com ansiedade.


**Silhueta do Crepúsculo**

Ao  
GUIMARÃES MARTINS

TRISTESA . . .  
CALMARIA . . .  
SOMBRIAS IMENSAS  
QUE DESCENDIDOS MONTES,  
DE IGNÓTAS PARAGENS;  
CONFUNDO-SE,  
MISTICAMENTE  
NA SONELOÊNCIA DOS VALES.  
NUM RUMOR INCANSANTE DE ARAGENS,  
DE FRONDES QUE SE CONFUNDEM,  
EXTOANDO,  
EM VOZES ESTRANHAS,  
A TRISTESA  
ENORME,  
PROFUNDA,  
DO GRANDE CREPÚSCULO . . .

MÁRIO J. FILLA  
By "Associação Brasileira de Escritores"

DESCALVADO  
Rua Cel. A. Whitaker, 54  
Est. de S. A. O. P. A. F. L. O. — Brasil



ULISSES CUIABANO

Anúncio da publicação do livro *Grupiaras* veiculado no jornal *Novo Mundo*, em dez. 1947, p. 9, que não ocorreu.

Acervo da Casa Barão de Melgaço.

à organização feita pelo autor em 1950<sup>9</sup>, um ano antes de sua morte, e carinhosamente guardada por sua família ao longo do tempo.

O termo ‘grupiaras’ refere-se a depósitos de cascalho em local elevado, onde pode estar escondido um tesouro – ouro, diamantes, pedras preciosas – em estado bruto. É um local muito presente no imaginário mato-grossense, no contexto dos garimpos, um tanto misterioso pelo que oculta.

Como título de um livro de poesias, a metáfora poderia representar uma juntada de textos poéticos em meio à qual seria possível encontrar uma obra-prima. Poderia muito bem se vincular à busca da perfeição formal parnasiana, exemplificada pela poesia ‘Profissão de fé’, na qual o autor Olavo Bilac<sup>10</sup> compara o poeta a um ourives: enquanto o artífice executa um trabalho árduo e minucioso para transformar a pedra bruta em gema, o escritor “[...] torce, aprimora, alteia, lima / a frase; e, enfim, / no verso de ouro engasta a rima, / como um rubim”. Mas não. Na Parte I do livro, a poesia ‘Felicidade’ esclarece ternamente que grupiara é o coração da amada, concebido como um terreno; e o diamante mais raro, a gema linda, preciosa, que representa a felicidade que o eu lírico persegue em vão, talvez esteja exatamente dentro desse coração, ou seja, o amor romântico se sobrepõe ao mote parnasiano.

O livro *Grupiaras* constitui-se exclusivamente de poesias. Divide-se em quatro partes, nomeadas ‘Miragens’, ‘Meu Amado Brasil’, ‘Prelúdios’ e ‘Folhas de Outono’.

---

9 A única interferência significativa feita em *Grupiaras* para a sua publicação foi a atualização da linguagem conforme o novo acordo da língua portuguesa.

10 Disponível em: <[www.passeiweb.com/estudos/livros/profissao\\_de\\_fe/](http://www.passeiweb.com/estudos/livros/profissao_de_fe/)>. Acesso em: 2 fev. 2021.

A Parte I – ‘Miragem’ – é composta por 10 poesias tipicamente românticas, provavelmente escritas na juventude. É dedicada ao poeta José Alcides Ferreira. Seu tema exclusivo é o Amor, de saída metaforizado pela miragem de um oásis num deserto, onde o eu lírico agoniza sedento ao persegui-la em vão. A natureza se faz presente, a se confundir com estados d’alma, em geral melancólicos.

À medida que se lê este bloco, percebe-se o desejo e a intenção do eu lírico de se casar, ter um lar e constituir família, o que lhe possibilitaria gozar as delícias paradisíacas de amar e ser amado, desfrutando da convivência com uma mulher à qual se refere como ‘Você’, valorizada pelo uso da maiúscula alegorizante /V/. O *locus* idealizado para ser o ninho deste amor é uma casinha em meio à natureza, com um jardim de rosas, longe do turbilhão urbano.

No tocante à forma, a maioria das poesias deste bloco foi composta em versos livres<sup>11</sup>, com a presença de três sonetos em versos decassílabos e duas poesias em versos irregulares: ‘A cada passo’ e ‘Será’.

Curiosamente, a última palavra ou expressão de uma poesia constitui o título da próxima, encadeando-as<sup>12</sup> de modo a constituir um enredo no qual o eu lírico sonha com a conquista da mulher amada – ‘Você’ – e com a construção de uma vida feliz ao seu lado. Isso não ocorrendo, só lhe restaria a tristeza e a morte.

11 Ainda que ‘versos irregulares’ tradicionalmente sejam sinônimos de ‘versos livres’, resolvi aqui estabelecer uma distinção entre ambos, considerando ‘versos irregulares’ aqueles que ainda apresentam algum tipo de metrifcação irregular, e ‘versos livres’ os que fogem do esquadro, mostrando uma completa liberdade formal, ora se aproximando da prosa poética.

12 Este *link* é uma mostra da discreta originalidade do poeta apontada anteriormente.

A Parte II, dedicada ao poeta Rubens de Mendonça, intitula-se ‘Meu Amado Brasil’ e contém 18 poesias. A primeira é um acróstico do título do bloco, em forma de soneto<sup>13</sup>.

Nesta segunda parte, o autor explora poesias de cunho nacionalista, com marcada presença do ufanismo típico da escola romântica: fatos, datas, símbolos, heróis nacionais e mato-grossenses são homenageados. O Pe. Wanir Delfino Cesar (1952-1953, p. 164) sucintamente bem define este conteúdo:

A sua formosa coleção patriótica é digna de nota. Carme aos grandes vultos da nossa história e às cidades mato-grossenses, o que bem traduzem o seu amor à terra natal.

Este bloco é constituído por oito sonetos – seis dodecassílabos (alexandrinos) e dois decassílabos; três poesias em versos livres; ‘Saudação a Campo Grande’ é uma composição fixa (doze estrofes de quatro versos, três decassílabos e um hexassílabo); ‘Carlos Gomes’ e ‘Antônio João’ também (sete estrofes com versos dodecassílabos).

Surpreendentemente, o final do bloco é totalmente distinto, com traços modernos, pela quebra. Intitula-se ‘Trechos de uma carta’ e inicia apresentando partes de uma missiva a um amigo, comunicando que lhe envia “alguns livrinhos deliciosos de versos harmoniosos”. Então, transcreve fragmentos de poesias, divididas de *a a d*, dos autores Alexandre da Costa, Jorge Fonseca Júnior, Alves Lima e novamente

13 Acróstico: Poesia em que as primeiras letras (às vezes, as do meio ou do fim) de cada verso formam, em sentido vertical, um ou mais nomes ou um conceito, máxima etc. (HOUAISS, 2009).

Jorge Fonseca Júnior<sup>14</sup> tecendo-lhes críticas literárias positivas em forma de poesia, apresentadas de modo singelo e carinhoso, valendo-se de versos livres, regulares e irregulares, em todos explorando a rima, o que imprime uma sonoridade diferenciada nos textos.

A Parte III – ‘Prelúdios’ – tem como subtítulo ‘Versos de Antanho’, dedicados ao amigo Franklin Cassiano. Certamente, é constituída de poesias escritas na juventude (ou nelas inspirado), ao lado do amigo, como declarou no seu discurso de ingresso na AML:

Abro, num frêmito de saudosa evocação, o livro de versos, inédito, de Franklin, estrofes quase todas elas minhas velhas conhecidas [...] e releio as páginas que foram elaboradas à minha vista, quando eu também rabiscava pretensiosas endechas a alguém, que talvez nunca tivesse realmente existido (CUIABANO, 1941-1942, p. 94).



O adolescente Ulisses Cuiabano e o jovem Franklin Cassiano.

Acervos de Eduardo Bussiki Cuiabano e Anna Luíza da Silva Barbosa.

14 Jorge Fonseca Júnior foi pioneiro na produção e divulgação do haicai no Brasil. De 1937 a 1944, trabalhou como redator-chefe do *Anuário do Oeste brasileiro*, onde divulgou haicais em português de diversos autores, inclusive Ulisses Cuiabano.

Divide-se em duas partes: ‘Sonetos’ e ‘Canções’, a primeira com 30 poesias e a segunda com 10 .

Mesclam-se sonetos decassílabos e dodecassílabos, com duas exceções curiosas, ambos com a flor no título: ‘A mais linda flor’, soneto heptassílabo<sup>15</sup>, onde o eu lírico se declara à mulher amada; e ‘A alma da flor’, em versos livres arrolando os atributos da flor, signo de beleza.

A adesão do poeta ao Romantismo aqui é notória: ele fala de amor, de tristeza, descrença, melancolia e morte, a natureza e seus elementos são refúgios e se confundem com estados d’alma. Aparece também a natureza como tema num contexto interiorano, com influência parnasiana. ‘O jaguar’, ‘A formiga’ e ‘A vaquejada’ são exemplos disso.

O segundo bloco, ‘Canções’, apresenta 11 poesias com os mesmos temas românticos citados anteriormente, em estruturas formais variadas, todas rigidamente metrificadas.

A Parte IV, ‘Folhas de Outono’, possui 20 poesias dedicadas a Luiz Feitosa Rodrigues, a maioria constituída por sonetos decassílabos e dodecassílabos, apresentando-se também em versos irregulares e livres, muitos de conteúdo romântico. Há poesias e acrósticos escritos para álbuns de amigas<sup>16</sup>; e uma das mais interessantes produções de Ulisses, que é o registro de lendas e “causos” mato-grossenses, destacando-se ‘Pé de

15 Este é outro exemplo de como Ulisses inseria discretamente pitadas criativas em sua obra poética. Versos de cinco ou sete sílabas métricas são largamente utilizadas na poesia popular ou em cantigas; inserir um elemento popular e/ou romper com a métrica em uma estrutura clássica como o soneto constitui uma transgressão.

16 Até a década de 1970, em Cuiabá-MT, era usual que as jovens possuíssem um caderno denominado “álbum”, o qual entregavam aos amigos e namorados para nele escreverem algo, em uma página ou duas, geralmente uma poesia com dedicatória. Para os que possuíam tal habilidade, era usual escrevê-la sob a forma de acróstico. Uma foto era solicitada e colada junto com o escrito, de lembrança.

Garrafa’, onde narra o encontro do poaieiro Venâncio com esta figura lendária em forma de sete sonetos de versos decassílabos – uma estratégia de registro bastante criativa. Já o soneto ‘Lenda do Rio Abaixo’ traz uma história sobrenatural, de ambiência cristã medieval.

Percebe-se, ao final, que a mistura de estilos, temáticas, tendências e formas caracteriza a poética de Ulisses Cuiabano, destacando-se o registro da cultura popular, especialmente dos mateiros, com suas lendas e histórias peculiares, mas predominando a estética romântica.

Na sucessão da cadeira 16 da AML, em seu discurso de posse, Pe. Wanir Delfino Cesar (1952-1953, p. 160-161) assim se referiu ao conjunto da obra literária de Ulisses:

Poeta de peregrina inspiração e pura forma, enquadrada ainda nos métodos perfeitos da Escola em que se ‘trabalha e teima e lima e sofre e sua’, o meu antecessor apresenta-nos a ‘estrofe cristalina dobrada ao jeito’, consoante o querer do mestre da poesia brasileira, que deixou cinzeladas em versos de ouro as regras máximas da arte divina das Musas. Regionalista admirável, era profundo conhecedor do folclore mato-grossense, traduzindo em poesias os mais interessantes contos, que animam as noites enluaradas e festivas dos nossos sertanejos. Inspirado num profundo e reto senso de patriotismo, onde, conforme dissera o genial Macedo, existe ‘uma escala ascendente, que vai do lar doméstico à paróquia, da paróquia ao município, do município à província, da província ao Império’, Ulisses dedicou as vibrações da sua lira delicada a todos os graus desta escala, como iremos vendo, através da leitura de seus versos, que, infelizmente, só foram publicados nas folhas volantes dos jornais e não se enfeixaram em volume, para satisfação de quantos têm no verdadeiro conceito a beleza literária.

Cantou o nosso poeta, como ficou dito, os nossos contos regionais, com admirável felicidade. Em tudo existe, em par da graça donairoso do estilo, com que se reveste, a mesma naturalidade distintiva da credence interessante e simples dos nossos caboclos. É a 'Lenda do Rio Abaixo', em que nos conta a fábula do pescador que invocara o demônio, para conseguir boa pesca e pescou a própria mãe, como castigo, enlouquecendo-se. É o septenário folclórico de sonetos que relatam a história do 'Pé de Garrafa'. São as lendas do 'Negrinho D'Água' e da 'Iara'. Todas essas abusões de abantesmas são perpetuadas, com delicada expressão, nas dobras cativantes da poesia.

Amou a natureza, traduzindo em lindos versos os seus encantos. Canções maviosas são as em que nos fala do 'Amanhecer' da 'Primavera', do 'Ocaso'. Como se contemplam as cambiantes emotivas, com que a natureza muda as encenações dos seus quadros. Também a fauna ele soube engrandecer nas cordas da lira. Dos animais não desprezou nem o urubu nem o sapo [...] (ibid., p. 163-164).

Por mais de setenta anos, os textos poéticos de *Grupiaras* permaneceram ocultos, bem guardados por seus familiares. O título faz jus à dificuldade de trazê-los à luz e poder oferecer aos leitores, sobretudo estudiosos da Literatura Mato-grossense, a face lírica de Ulisses Cuiabano, o que constitui uma amostra da produção poética do nosso Romantismo.

Seus pares muito torceram para que isso acontecesse; portanto, é com alegria que testemunho o afloramento de gemas preciosas das grupiaras mato-grossenses. Salve Ulisses!



## Referências

- A CRUZ. Academia Mato-grossense de Letras, Cuiabá-MT, p. 2, 6 mar. 1951.
- BILAC, Olavo. *Profissão de fé*. Disponível em: <[www.passeiweb.com/estudos/livros/profissao\\_de\\_fe/](http://www.passeiweb.com/estudos/livros/profissao_de_fe/)>. Acesso em: 2 fev. 2021.
- CESAR, Wanir Delfino. Discurso de posse. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá-MT, a. 20-21, p. 158-168, n. 39-42, 1952-1953. (Cadeira nº 16. Sessão solene de posse do acadêmico Wanir Delfino Cesar.)
- CUIABANO, Ulisses. \_\_\_\_\_. Discurso do recipiendário acadêmico Ulisses Cuiabano. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá-MT, a. 9-10, n. 17-20, p. 93-103, 1941-1942.
- DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. São Paulo: Houaiss/Objetiva, 2009.
- DORILEO, Benedito Pedro. *Egéria cuiabana*. São Paulo: Vaner Bicego, 1976.
- HINO DO MIXTO ESPORTE CLUBE. Disponível em: <[www.lettras.com.br/hinos-de-futebol/hino-do-mixto-esporte-clube-%28mt%29](http://www.lettras.com.br/hinos-de-futebol/hino-do-mixto-esporte-clube-%28mt%29)>. Acesso em: 10 jan. 2021.
- LEITE, Mário Cesar Silva. *Literaturas, vanguardas e identidades: nas brenhas do regionalismo*. Cuiabá: Carlini & Caniato/Cathedral Publicações, 2015.
- MAHON, Eduardo. *A Literatura Contemporânea em Mato Grosso*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2021.
- MENDES, Francisco. Cadeira nº 10. Discurso de recepção pelo acadêmico Francisco Mendes. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá-MT, a. 9-10, n. 17-20, p. 85-92, 1941-1942.
- \_\_\_\_\_. Palavras de abertura. *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*, Cuiabá-MT, a. 20-21, n. 39-42, p. 154-157, 1952-1953. (Cadeira nº 16. Sessão solene de posse do acadêmico Wanir Delfino Cesar.)
- MESQUITA, José de. Um Cuiabano digno desse nome. *O Estado de Mato Grosso*, Cuiabá, a. 11, p. 1, 7 jan. 1951.
- NOVO MUNDO. Guiratinga, a. 4, n. 41-43, abr./jun. 1943.
- \_\_\_\_\_. Guiratinga, a. 7, p. 9, dez. 1947. (Suplemento ilustrado. Número de aniversário.)
- \_\_\_\_\_. Poetas mato-grossenses. Rubens de Mendonça, Guiratinga-MT, a. 5, n. 50, jan. 1950.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. Os onze primeiros anos, dos 75 de existência, da Academia Mato-grossense de Letras. In: SIQUEIRA, Elizabeth Madureira (Coord.). *Revista da Academia Mato-grossense de Letras*. Número especial comemorativo do Jubileu de Diamante (1921-1996). Cuiabá: Gráfica da UFMT, p. 15-34, 1996.

Ulisses Cuiabano. *O Estado de Mato Grosso*, a. 11, n. 1.962, 4 jan. 1951, p. 1.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://amacic.org.br/ulisses-cuiabano/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <<https://portalmatogrosso.com.br/cuiabano-ulisses/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Haicais*. Disponível em: <[www.pensador.com/haikai\\_olhos/](http://www.pensador.com/haikai_olhos/)>. Acesso em: 2 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. *Haicais*. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/klauddia/tipos-de-poesia>>. Acesso em: 2 jan. 2021.



ULISSES CUIABANO

# Grupiaras

Cuiabá-MT, 1950



Ulisses Cuiabano e o poeta Alcides Ferreira (de óculos).

Acervo de Eduardo Bussiki Cuiabano.

Parte I

# Miragem

Ao poeta José Alcides Ferreira.

Percorro os lindos trechos da cidade,  
dos transeuntes, em meio, o burburinho,  
internamente cheio de vontade  
de te encontrar, de novo, em meu caminho!...

*José Alcides Ferreira*



## MIRAGEM

O Saara da minha vida  
atravesso, assim, sedento...

E vou vencendo a aridez das distâncias  
sem alento,  
sem guarida,  
em incontidas ânsias,  
na esperança de arribar a um oásis verdejante  
e confortador.

Mas o deserto não tem fim...

— Avante!  
— grito para mim.  
— Quero ser vencedor!  
— Desejo triunfar!

Porém o mar  
de areias movediças, escaldantes,  
estende-se ao infinito.

Aflito,  
pés crestados, cruciantes,  
angústias sofrendo, vou marchando  
sedento, sedento...

Experimento  
então uma alegria singular:

O meu olhar  
divisa ao longe um fascinante lago  
de cristalinas águas,

um reservatório mago  
de mil venturas,  
onde deixarei as mágoas  
e as torturas  
que afligem o meu pobre coração...

Avanço, pouco a pouco,  
sôfrego, sequioso, ardente, louco  
para beber a linfa deliciosa...

Mas, ó!, visão enganosa.  
Aquela doce imagem  
de águas serenas  
era apenas  
uma miragem,  
uma ilusão!

E tombo exausto sobre o areal movediço  
numa tormentosa agonia sem par,  
e espero  
o fantasma da Morte, espantadiço,  
tremebundo, cruel, medonho, fero,  
prestes a me levar...

Essa miragem deleitosa  
que sempre vejo ansioso em minha vida,  
essa imagem tão formosa  
e tão querida,  
mas de feitio enganador,  
que desaparece, mendaz visão,  
quando vou deitar-lhe a mão,

– é o AMOR...

## O S E U A M O R

O seu amor  
é como a agreste, a cândida baunilha  
da virgem mata cheia de frescor:

embriaga, fascina, maravilha,  
entenece, seduz  
com seu suave, feminino odor...

Você talvez nem saiba que esse amor  
é luz  
de uma linda manhã primaveril  
envolvendo com os seus fúlgidos raios  
as tramas mil  
das ramadas floridas, em desmaios  
e anseios incontidos, palpitanes  
das comas verdejantes.

Dá-me, pois, esse amor,  
porque  
então farei  
a Você  
custosos madrigais,  
que lhe segredarei  
no recesso dos bosques silenciosos,  
ao ofício dos cantos matinais  
dos pássaros mimosos...

E em segredo, sutil, entre desejos  
delirantes,  
enlaçarei seus seios palpitanes  
ao som febril dos meus ardentes beijos...

## B E I J O S

Deixa-me beijar-lhe os lábios purpurinos,  
doces como o jati.

Então, querida, elevarei meus hinos  
para a glória da vida, em louco frenesi.

Vê?

A natureza em festa nos sorri,  
porque peço, fremente, uns beijos a Você.

Como negá-los? Se a manhã radiosa  
beija também as pétalas da rosa,  
e o pulcro beija-flor  
não se cansa de voar de flor em flor,  
aos beijos sensuais,  
angelicais...

Vem, querida, aos meus braços trepidantes...  
Uniremos os lábios palpitantes,  
tão cheios de desejos,  
aos sons dos murmúrios divinais  
de ardentes beijos...

E o mundo para nós será, querida,  
unida a minha vida à sua vida,  
um edênico sonho, e nada mais...

## N A D A M A I S

Nada mais resta para mim, querida,  
senão dias monótonos, tristonhos,  
que passo em devaneios, entre sonhos,  
aguardando o momento da partida

para o Enigma do Além... Desconhecida  
estrada hei de trilhar. E então medonhos  
campos palmilharei... Talvez risonhos...  
Pois quem sabe o que existe além da vida?

Mas antes de seguir para viagem  
cujo termo fatal ninguém prevê,  
eu quero contemplar a doce imagem

– doce imagem de amor e de bondade –,  
o semblante tão meigo de Você,  
e irei... Sorrindo de felicidade...



## FELICIDADE

O garimpeiro  
enche a bateia de cascalho bruto  
e num rápido minuto  
lava a terra, a sonhar, ansioso, o aventureiro.

E às vezes, a brilhar, no fundo da bateia,  
a gema preciosa o seu fulgor pompeia;  
outras vezes, ó!, não,  
o impávido mineiro  
encontra apenas a desilusão.

Vou também garimpar na grupiara  
que existe dentro do seu coração.  
Encontrarei, acaso, a pedra rara?  
Acharei, por desgraça, uma ilusão?

Felicidade  
– diamante de altíssimo valor –,  
sei que ela existe, sim, na realidade,  
como existe a bondade  
e há também o amor...

Deixa unir o meu peito ao peito de Você,  
para eu sentir a pulsação fogueira  
desse seu coração... Sabe por quê?

Talvez a gema linda, preciosa,  
felicidade, que procuro em vão,  
esteja dentro do seu coração...

## C O R A Ç Ã O

Escrínio misterioso,  
insondável arcano,  
é esse abismo ignoto, tenebroso  
– o coração humano...

Quem sabe o que está dentro da prisão  
escura, férrea, torva, atroz, austera?

- Um pássaro loução?
- Uma flor? Uma fera?
- A serpente que mata tão cruel?
- A mansa abelha que fabrica o mel?

Eu vou abrir meu coração, querida,  
para ver o que dentro dele está.

Repara bem, vida da minha vida,  
que Você verá:

Acorrentado nesta jaula, insano,  
perdido de desejos sensuais,  
desenvolvendo esforço sobre-humano  
para romper as grades glaciais,  
um ser de natureza incognoscível,  
porque  
é imponderável, místico, intangível:  
– o grande amor que tenho por Você.

## O GRANDE AMOR QUE TENHO POR VOCÊ

O grande amor que tenho por Você  
nasceu talvez do olhar que nós trocamos  
quando, um dia de sol, nos encontramos  
na estrada da existência. Já se vê

que muitas vezes, e nem sei por quê,  
dos olhos brota o amor, como dos ramos  
desabrocha a bonina... Agora vamos  
rumo ao futuro, que ninguém prevê.

Sei, contudo, que nossa vida é linda,  
enquanto juntos, pela estrada infinda  
da existência trilharmos, sem cansaço,

a sua mão presa na minha mão,  
bem junto ao meu, seu grande coração,  
e beijos permutando a cada passo...

## A C A D A P A S S O

A cada passo que nós avançamos  
em busca do país que nós sonhamos,  
onde a ventura habita,  
mais eu gosto, querida, de Você;  
mais apressado, sem saber por que  
meu coração palpita.

E vamos palmilhando esse caminho  
que levará nós dois ao quente ninho  
onde, cheios de susto,  
havemos de encontrar, num terno abraço,  
amor sincero e justo.

E nesse ninho de ideais delícias,  
entre beijos, soluços e carícias,  
d'um grande afeto, puro,  
haveremos de erguer, hirtos e belos,  
monumentais, graníticos castelos  
sobre o nosso futuro...

## NOSSO FUTURO

Prevejo uma casinha azul, graciosa,  
toda cercada de um jardim florido,  
ninho de amor, dos homens escondido  
e embalsamado pelo odor da rosa.

Eu, Você... Ambos nós em polvorosa,  
em preparo do lar estremecido,  
longe do mundo, do prazer fingido,  
fora das garras de uma vida ansiosa.

Algum tempo depois, entre a alegria  
e a ternura incontida de ambos nós,  
do nosso lar, em flébil melodia,

decerto um doce canto se ouvirá...  
Será Você, talvez, com linda voz,  
a embalar um bercinho... Sim... Será...

## S E R Á ?

Será que o meu porvir estará preso  
num olhar, num sorriso de Você?  
Se for assim, sorri-me, olha-me, que  
tudo farei para nunca merecer  
o seu cruel desprezo...

E digo e afirmo, com sinceridade,  
que, enquanto eu viver,  
meus pensamentos, na realidade,  
hão de ser sempre seus, ó! Minha doce amada,  
minha flor adorada!

Pois eu quero viver perenemente  
como num paraíso,  
envolto em luz do seu olhar clemente,  
sempre a escutar seu dólcido sorriso...



Rubens de Mendonça, em 1950.

Acervo de Adélia Maria Badre Mendonça de Deus.



Parte II

# Meu Amado Brasil

Ao poeta Rubens de Mendonça.

Brasil! És Pátria minha! Altiva e poderosa!  
Entre as demais nações, eleva-te orgulhosa  
– mostrando os teus heróis ao mundo, à terra inteira!...

*Rubens de Mendonça*

## MEU AMADO BRASIL

Meu amado Brasil, terra de Santa Cruz,  
Eldorado real das lendas castelhanas,  
Uma conquista a mais nas glórias lusitanas,  
A mais formosa flor que a América produz;

Meu amado Brasil, cheio de encanto e luz,  
Asilo acolhedor de três raças humanas,  
Dadivoso torrão onde vivem, ufanas,  
Outras gentes que a terra amiga então seduz.

Brasil, a Pindorama amada dos tupis,  
Região da palmeira e da ibirapitanga,  
A pátria de Iracema, a flor deste país.

Saúdo-te, gigante altivo e senhoril,  
Imortal campeão do grito do Ipiranga,  
Linda terra do berço, amado meu Brasil!

## RAÇA BRASILEIRA

*Para Helena Júlia*

Sob um manto azulado, onde, altivo e esplendente,  
cintila, entre astros mil, o sulino Cruzeiro,  
estende-se o gigante, o Briaréu potente,  
que entrevira Cabral, num desvendar primeiro.

Brasil! Ninho sagrado: a lusitana gente  
um abrigo encontrou no teu solo fagueiro,  
por onde pervagava um povo delirante:  
– os tupis-guaranis, o gérmen brasileiro.

Depois veio da adusta, africana paragem  
outro povo capaz, e numa só imagem  
um tipo se caldeia, augusto, nobre, heril:

o bandeirante audaz, o livre garimpeiro,  
o caboclo do Norte, o gaúcho, o mineiro,  
enfim um tipo heroico – o filho do Brasil.

## HINO NACIONAL

*Para Maria da Conceição Mendonça de Carvalho*

Ecoam pelos ares infinitos  
os acentos triunfais,  
vibrantes sons de belicosos gritos  
de um povo forte e bravo, que jamais  
alimentou desejos de conquista  
e nunca teve em vista  
promover guerras ou devastação  
contra qualquer região.

Escutando esse cântico sublime,  
– o belo Hino Nacional,  
expressão da grandeza marcial  
de um povo guapo que a ninguém oprime,  
até parece  
que esse canto guerreiro, altivo, audaz,  
é uma prece  
de paz.

Francisco Manoel  
com amor,  
em música sem fel  
e sem rancor,  
o coração da Pátria pôs, patente,  
nos acordes do canto nacional  
que traduz com acerto, fielmente,  
o nosso puro ideal:

– sermos fortes, potentes, respeitados  
e cultores da paz dos corações;  
mas se formos por outrem ultrajados,  
se inimigos pisarem nossa terra,  
iremos resolutos para a guerra,  
como o irado jaguar destes sertões!

## A BANDEIRA DO BRASIL

*Para Corsíndio Monteiro*

Aos ventos farfalhando,  
como a saudar, num frêmito, os quadrantes,  
da Pátria amada, quando  
erguido em mastaréus ou driças triunfais,  
tremula o heril  
auriverde pendão,  
o augusto pavilhão  
do BRASIL.

O símbolo sagrado  
da Terra tão ferraz de Santa Cruz  
ternamente é beijado  
pelos raios louçãos, vivíssimos da luz,  
os raios mil  
do flamígero sol,  
mirífico crisol  
do BRASIL.

Quando à brisa palpita  
essa bandeira excelsa e imaculada,  
a flâmula bendita  
que conduz para a glória a Pátria idolatrada,  
bate febril,  
numa doce emoção,  
o altivo coração  
do BRASIL.

Salve! Bandeira linda  
que preside os destinos desta terra  
vasta, opulenta e infinda,  
quer na paz, sempre amada, ou quer na crua guerra.  
Salve! Gentil  
Bandeira nacional,  
fulgurante fanal  
do BRASIL.



# L Í N G U A P O R T U G U E S A

*À Prof<sup>ta</sup> Aida Bastos de Siqueira*

Transplantada da terra lusitana  
para as risonhas plagas das palmeiras,  
nas caravelas brancas, forasteiras,  
veio a semente de uma língua humana.

A língua portuguesa, sempre ufana,  
sempre a espelhar ideias altaneiras;  
formoso idioma que o pensar irmana  
de duas pátrias, da Ordem pioneiras.

Como é belo escutar essa linguagem  
que fala n'alma, refletindo a imagem  
do pensamento bom, sentimental,

de dois povos de estirpe varonil:  
a terra nova e linda do Brasil  
e o velho, o heroico, o nobre Portugal.

# O CRUZEIRO DO SUL

*Para José Torquato Júnior*

Reverbera no céu em noites tropicais,  
serena, em placidez, linda constelação;  
grupo astral fulgurante, que os demais  
supera em brilhos, em fascinação.

É o CRUZEIRO DO SUL,  
cintilante, celestial  
conjunto de miríficos luzeiros;  
noturno adorno deste céu azul,  
joia de mil fulgores, ideal  
congérie de astros belos, altaneiros.

Para perpetuar no coração da gente  
que habita a grande terra brasileira  
a lembrança fagueira  
da imagem do CRUZEIRO, resplendente,  
simbolicamente  
figura em nossa típica bandeira  
a linda Constelação  
que refulge no céu desta brava nação.

Sob os auspícios dessas siderais  
estrelas, nossa Pátria há de seguir  
sempre avante, alcançando os ideais  
que acalenta, nas marchas triunfais  
para um faustoso, esplêndido porvir.

## A E N T R A D A

Guiado por um sonho ardente de conquista  
numa audácia sem par, num ímpeto viril,  
partia antigamente a bandeira paulista  
rumo aos brutos sertões absconsos do Brasil.

E na ânsia de invadir a terra nunca vista,  
vencendo sem cessar dificuldades mil,  
vinha delineando a luminosa pista  
da Civilização confortadora e heril.

Trazendo a escravidão às coortes selvagens,  
o bando palmilhava estas ínvias paragens  
rebuscando no solo o custoso metal.

E em pleno coração destas brenhas distantes  
levantavam também os rijos bandeirantes  
os altivos padrões do heroico Portugal.

## VILA BELA

*A Estevão de Mendonça*

Em nossos dias, Vila Bela surge como uma dessas princesas fulgurantes, que já tiveram os seus dias de glória e, decaídas, vivem de suas reminiscências, dos sonhos do passado.  
(Alcindo Camargo, *A fundação de Vila Bela*)

Na tristeza do olvido e do injusto abandono,  
desditosa, a exhibir farrapos de riqueza,  
essa agora mendiga, outr'ora heril princesa,  
dorme sobre o passado um letárgico sono.

O alcácer senhoril que em majestoso entono  
entrevira Pombal, num sonho de grandeza,  
hoje é um tronco vetusto e mesto que a aspereza  
dos ventos desfolhou, em merencório outono.

E a velha capital, a heroica Vila Bela,  
suas glórias de antanho ao passante revela  
na mística nudez de colossais taperas.

Beijando-a, o Guaporé, de interessantes lendas,  
evoca, sussurrando, as típicas legendas  
dos rijos Capitães Generais de outras eras.

# SAUDAÇÃO A CAMPO GRANDE

*A Jerônimo Bonfim*

Joia que fulge na formosa tela  
da heril Maracaju cheia de encantos;  
Campo Grande risonha, altiva e bela,  
a ti, meus pobres cantos!

Quando o sol, espargindo os raios de ouro,  
derrama sobre o teu rosto tão lindo  
de luz o imenso sideral tesouro,  
tu despertas, sorrindo.

E a vida tumultua no teu seio  
sob a orquestra bendita do trabalho,  
regida, febrilmente, num anseio,  
pelo bater do malho.

Abrem-se as portas bem-aventuradas  
das escolas, sagradas oficinas,  
onde são habilmente trabalhadas  
as flores matutinas;

essas flores gentis, castas e puras,  
que são as tuas cândidas crianças,  
esses anjos de amor e de ternuras,  
fagueiras esperanças;

esperanças da Pátria, do gigante  
que vive sob o pátio do Cruzeiro,  
onde fervilha, tépido, estuante,  
o povo brasileiro.

A sirena das fábricas entoa  
o canto matinal da atividade;  
geme o prelo na sua faina boa  
de espalhar a verdade.

Corta as tuas campinas, triunfante,  
como um traço de luz, da luz querida,  
a tua férrea estrada, palpitante,  
de progresso e de vida.

E no bairro Amambaí, as sentinelas  
da Pátria velam pela segurança  
e pelas tradições honrosas, belas,  
do pendão da esperança.

Salve, pulcra cidade, maravilha  
das campinas do Sul, cheias de flores;  
de Mato Grosso és bem-amada filha,  
ó! Terra de esplendores.

Ó! Colmeia de abelhas laboriosas,  
envio-te, nas asas da amizade,  
um punhado de rimas, desairosas,  
mas cheias de saudade.

Gema que brilha na azulada serra  
Maracaju, envolta de puros ares.  
Ó! Campo Grande, flor da minha terra,  
a ti os meus cantares !

## FITANDO O RIO PARAGUAI

Quanta vez, hora a fio, eu fico a meditar,  
contemplando a corrente enorme e movediça  
que, lambendo a barranca umbrosa, se espreguiça  
e as suas águas vão rolando para o mar.

E sobre a superfície aquosa, a desfilhar  
interminavelmente, em grupos, com preguiça,  
muita vez carregando uma ave assustadiça,  
os camalotes vão descendo devagar.

Arrancados do seio imóvel das baías  
pela fúria incontida e ríspida dos ventos,  
vão agora boiando à flor das águas frias.

Seguem cheios, talvez, de recônditas mágoas...  
E com eles, febris, vogam meus pensamentos  
flutuando também sobre o dorso das águas.



## NOVOS BANDEIRANTES

*À turma de 1936,  
da Escola Normal Pedro Celestino, de Cuiabá-MT.*

Antigamente, em bando ousado e temerário,  
os paulistas viris batiam os sertões,  
as selvas desbravando; e num labor diário,  
plantavam, sem cessar, novas povoações.

E o caminho que rasga o seio extraordinário  
da virgem terra amada, as soberbas monções,  
seguindo, da conquista o incerto itinerário,  
iam, assim, traçando, em longínquos rincões.

Normalistas gentis: – Vós sóis os bandeirantes  
que, rompendo por entre as selvas misteriosas  
que envolvem, com vigor, os cérebros ignorantes,

ides ali plantar, com peregrinas mãos,  
a árvore do saber, de flores radiosas,  
de perfumes sutis, de rútilos clarões.

## CARLOS GOMES

Sob o anil destes céus, onde fulge o Cruzeiro,  
de Orfeu na arte divina um campeão surgiu;  
e um assombro empolgou então o mundo inteiro  
quando os acordes da lira, em êxtase, feriu.

Numa ardente eclosão de estranhas sinfonias,  
notas flébeis, gazis, harmônicas e faceiras  
de arpejos divinais e lindas melodias,  
a arte nova brotou no país das palmeiras.

Trouxe o encanto do azul das alterosas serras  
que se perdem no vasto horizonte sem fim  
e o mistério profundo e insondável das terras  
onde o selvagem vive em perene festim.

Traduziu a natura a voz enfeitiçada:  
o sussurro da brisa, o bramir das cascatas,  
o canto matinal da leda passarada,  
o segredo do lago, os arcanos das matas.

Verteu para o idioma etéreo e singular,  
que às almas se revela em doces vibrações,  
a linguagem, que em noite albente de luar,  
se levanta, sutil, do seio dos sertões.

E o intérprete da voz das cousas brasileiras,  
e que passou além, em terras peregrinas,  
traduzindo também as vozes estrangeiras,  
foi Carlos Gomes, filho amado de Campinas.

Carlos Gomes nasceu para a grande conquista,  
a conquista da glória imortal e viril.  
Salve! Gênio divino, iluminado artista,  
honra do mundo inteiro, orgulho do Brasil.

## ANTÔNIO JOÃO

Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus  
companheiros servirão de protesto solene contra a invasão  
do solo de minha pátria.

*Antônio João*

Quando o inimigo audaz, em compacta coorte,  
nossa Pátria invadiu com fúria desmedida,  
como densa avalanche imprevista da morte,  
conduzindo o terror a esta terra querida,

em Dourados, no Sul, uns poucos de valentes  
que Antônio João Ribeiro, altivo, comandava,  
resistiram febris, fervorosos, contentes,  
à imiga legião que este solo pisava.

Lançaram um protesto ardente e destemido  
que retumbou depois como um grito de guerra:  
– de lutar, de morrer pelo Brasil querido  
defendendo o pendão desta sagrada terra.

A luta se empenhou renhida e desigual  
entre fragores mil e gritos delirantes.  
A coluna invasora, alegre e triunfal,  
se apoderou da praça após alguns instantes.

E assistiu, admirada, em augusto cenário,  
a uma lição sublime e excelsa de heroísmo,  
a um exemplo de pátrio amor extraordinário,  
de bravura sem par, de estupendo civismo.

Alguns corpos de heróis jaziam estendidos  
à sombra senhoril do auriverde pendão,  
e no meio dos seus companheiros queridos  
o cadáver feliz do bravo Antônio João:

Feliz! Porque quem morre em defesa do amado  
Brasil é grande e heroico, é justo e sobranceiro;  
seu nome há de ficar para sempre gravado  
no coração viril de cada brasileiro.

## L A G E A D O

*Para Sebastião de Andrade*

Tal como pulcra rosa inda em botão,  
encantadora e linda, Lageado  
aos olhos surge do viageiro ousado,  
risonha e cheia de fascinação.

Bonita flor morena do sertão,  
de coxilhas amenas rodeado,  
por límpidos arroios osculado,  
ele conquista o nosso coração.

Dos garimpeiros filha predileta,  
a cidade gentil, rica e pacata,  
é como um sonho excelso de poeta:

oculta em suas veias radiantes,  
mas pronto a dá-las para quem as cata,  
– as gotas do seu sangue – os diamantes.

## MANHÃ EM CORUMBÁ

Aqui o sol não é como esses sóis  
de débil luz, de brilho duvidoso,  
de outras terras... Mas tem os arrebóis  
traçados por pincel maravilhoso.

O dia nasce, esplêndido, formoso,  
entre gorjeios de aves. Logo, após,  
silva a sirene dos batéis. Airoso  
os ares cruza um avião veloz.

Na Esplanada, apitando, o trem de ferro  
ruma para a Bolívia. Um caminhão  
passa soltando estriduloso berro.

Tudo desperta. E assim, de rua em rua,  
começa o ritmo do trabalho e então  
a vida, em toda parte, tumultua.

## CÁCERES

Toda garrida e meiga, irradiando  
um sorriso grácil de simpatia,  
Cáceres – a cidade da alegria –  
o nosso coração vai conquistando.

Beija-a, faceiro, o Paraguai e, quando,  
todo repleto de galanteria,  
os pés da heril Princesa acaricia,  
um rosário de amor vai desfiando.

Luiz de Albuquerque, o grande Capitão,  
quando lançou, no Extremo Oeste, a pista  
da lusitana civilização,

foi de uma audácia excelsa e varonil,  
– firmando, das Bandeiras a conquista,  
– dilatando a grandeza do Brasil.

– 12.02.1948. –



## B E L O H O R I Z O N T E

Eis a formosa capital mineira  
que nos encanta a vista e o pensamento  
e constitui um belo monumento  
– patrimônio da gente brasileira.

Eu, quando contemplei, à vez primeira,  
a soberba metrópole – portento  
de arte, de emulação, de encantamento,  
na alma senti ledice alvissareira.

As avenidas, duas, largas ruas,  
praças ornamentadas, parques vastos,  
a heril Pampulha e as maravilhas suas,

tudo cercado de azulinos montes,  
gravaram nos meus pobres olhos gastos  
esse painel de belos horizontes.

– Belo Horizonte-MG, 17.04.1948. –

## TRECHOS DE UMA CARTA

a) “BUENACHO”

Poemeto de Alexandre da Costa:

*Creo em ti, América Latina:  
y veo em tu telurica potencia  
las espirituales uniones  
por la simbiosis idiomática  
del amerindio hablar de tus naciones.*

Porque não posso conversar consigo  
de viva voz,

.....  
permita ao menos que eu lhe escreva  
.....  
esta missiva.....

Mando-lhe alguns livrinhos deliciosos  
de versos harmoniosos.

“BUENACHO”

– Um poemeto americanizado  
de sabor gauchesco,  
de Alexandre da Costa, brasileiro  
que escreve em castelhano estilizado,  
tão cheio de floreio e de arabesco,  
– um primor verdadeiro.

## “BUENACHO”

representa  
o tipo do gaúcho, cabra-macho,  
destemido, valente, bom, leal,  
que enfrenta  
a luta com prazer real,  
mas que no fundo  
possui uma alma pura, generosa,  
incapaz de fazer ação maldosa  
ou ato imundo.

Francamente, eu gostei deste poema  
de visão regional,  
embora para nós não seja o tema  
preferencial.

Mas se depreende desses versos lindos,  
feitos no linguajar dos fronteiriços,  
o íntimo das gentes dos infindos  
campos e coxilhas e maciços  
banhados pelas sangas, mil arroios  
de cristalinas águas,  
por onde o minuano, em seus aboiros  
frenéticos, insanos, pavorosos,  
destila suas mágoas  
no rigor dos invernos tormentosos,  
em noites lutulentas,  
agourentas...

## b) SOB O CÉU TROPICAL

Poesias de Jorge Fonseca Júnior

Neste divino anseio de Esperança  
vai esta altiva geração moderna,  
côncsia de seu valor, firme a vontade,  
infatigável, cheia de pujança,  
rumo da Perfeição, a arder na eterna,  
bendita sede humana da Verdade!

### “SOB O CÉU TROPICAL”

de Jorge Fonseca Júnior, grande poeta  
da geração moderna, genial  
cantor das nossas cousas, e um profeta  
que prediz  
ao Brasil um provir rutilante e feliz,  
é um livro mimoso,  
fruto da mocidade resplendente  
do talento  
bardo paulista (meu sincero amigo),  
e afirma que o Brasil, país potente,  
cheio de viço e força, é doce abrigo  
da pura poesia,  
que brota em borbotões,  
como num passe de magia,  
dos nossos corações...

c) EU... E ELA

Versos de Alves Lima

Mas a poesia não morre. É eterna  
como a alma humana.  
A jovem intelectualidade brasileira  
precisa vibrar, vibrar como o sol  
dos trópicos que a bafeja!

“EU... E ELA”,  
versos de Alves Lima,  
um volume que encerra,  
em impecável metro e tersa rima,  
poemetos mil  
“aos namorados de minha terra”  
– o soberbo Brasil.

Alves Lima canta  
cousas que a gente sonha todo o dia  
em suave fantasia  
que encanta...

“Desde o Amazonas ao Prata  
e do Rio Grande ao Pará”,  
o poeta derrama, em cascata,  
lindos versos (melhores não há).

Até mesmo este verde colosso,  
este nosso gentil Mato Grosso,  
foi cantado, de forma discreta,  
pelo guapo e distinto poeta:

“Nos campos de Nioaque”, que lindas,  
que cantantes estrofes, suaves:  
têm o cheiro das plagas infindas  
e a delícia do canto das aves.

“Virgens nioaquenses, lá de Mato Grosso,  
eu as amo todas, com fervor sem par,  
Conceições ou Rosas, anjo em carne e osso,  
brincos em orelhas, contas no pescoço,  
noite nos cabelos, risos de luar.”

#### d) POEMAS DE MINHA HUMANIDADE

De Jorge Fonseca Júnior.

Houve, outrora, um pastor, na velha Palestina,  
bem perto de Belém, onde nasceu Jesus,  
a quem dera a natura a desgraçada sina  
de ser poeta, viver toda beleza e luz...

“POEMAS DE MINHA HUMANIDADE”  
obra do Jorge, o vate paulistano,  
são delícias do espírito, em verdade,  
clarões fulgentes do talento humano.

Chamo sua atenção, gentil Atília,  
para este livro mágico e profundo:  
– são versos que nas noites de vigília  
confortam nossas penas neste mundo.

Leia: “A uma paineira”, dedicada  
a Miguel Costa Júnior; que poesia!  
– Elevação de ideia alcandorada,  
conjunto de beleza e harmonia!

Veja na página 52  
a “RESSEMBLANCE”, em bom francês. E diz  
o cantor que as felicidades suas  
são como as pobres flores sem raiz.

*Les pauvres fleurs  
des corbeilles,  
à mes bonheurs  
sont pareilles!...*

Há também neste livro mimoso  
Seis haicais de sabor japonês.  
Lê-los, sinto um prazer delicioso.  
Fui outrora ao Japão? Sim, talvez...

Haicai, poesia  
que fala n’alma, delícia  
dos poetas tristes...

.....  
.....  
.....



Franklin Cassiano.

Acervo de Anna Luíza da Silva Barbosa.



Parte III  
Prelúdios  
(Versos de Antanho)

À memória de:  
Franklin Cassiano  
– saudoso poeta amigo.

Era no tempo da quimera,  
era o tempo risonho dos amores  
em que no campo o repontar de flores  
anuncia o sorrir da primavera.

*Franklin Cassiano*

### N U V E N S

Por essas manhãs límpidas e frias  
em que, por toda parte, a natureza  
deixa em tudo uns tons vagos de tristeza,  
fico a fitar as nuvens fugidias.

Ei-las que vão transpondo as serranias  
fustigadas com ríspida aspereza  
pelos ventos, que as levam sem certeza  
de um rumo... Pobres nuvens erradias!

Ó! Pensamentos meus, loucos e errantes,  
vós sois como essas nuvens vaporosas  
que vagam na amplidão de céus distantes.

Errais também sem direção nem guia  
pelas plagas do Sonho misteriosas,  
levados ao sabor da fantasia...

## A MAIS LINDA FLOR

Perguntaste-me, curiosa,  
qual a mais linda das flores?  
Vou responder-te, formosa  
senhora dos meus amores.

Talvez a púrpura rosa  
de inebriantes odores...  
Talvez o lírio, mimosa  
flor, de alvas e puras cores...

Mas não... Mais belas que o lírio,  
que a rosa, a flor lá do Empíreo,  
que aos beijos da aurora nasce,

são essas flores divinas,  
delicadas, coralinas,  
– as rosas da tua face.

## A CIGARRA

Há da cigarra no cantar dolente,  
quando a tarde estremece na agonia,  
uma toada harmônica e plangente,  
suaves notas de melancolia.

E do ciclo agudo e intermitente  
do cantor despedindo-se do dia  
uma saudade evola-se, pungente,  
numa eclosão de amor e de poesia.

Mas, de repente, o cântico emudece.  
E o trovador boêmio e descuidoso  
morre, como um rumor de fim de prece.

E no entanto eu quisera, ó!, se isso ocorre,  
como o estival inseto misterioso,  
– morrer cantando quando a tarde morre...

## ARREPENDIMENTO

Quantas vezes um erro cometemos  
e ficamos depois arrependidos,  
e choramos o tempo que perdemos  
de desgostos e penas consumidos.

E novo engano logo após já temos  
para amargar os dias já vividos.  
E assim, entre torturas, nós vivemos  
e entre pesares somos envolvidos.

Mas quantas vezes, quantas, nós pecamos  
e depois, cheios de arrependimento,  
o pecado, entre prantos, deploramos.

E ficamos, decerto, arrependidos  
de não ter sido o crime do momento  
cometido há mais tempo, em tempos idos...

## D E S C R E N Ç A

Nesse jardim de Fada – coração,  
viceja, às vezes, uma flor tristonha,  
de perfumes letais, rubra e medonha:  
a Descrença, satânica criação.

O formoso vergel, fresco e loução,  
vai perdendo a aparência tão risonha  
desse éden terreal, que a mente sonha  
nas doces horas de meditação.

Então Cupido, o jardineiro esperto,  
impotente ante a atroz exuberância  
da flor que mata as outras flores, certo

vai morrendo também de inanição...  
— Amor! Reaja com fervor, com ânsia,  
e extirpa a flor fatal ao coração!

## A V I D A

*Para Adelita P. Moura*

Não vale a pena a vida ser vivida  
se acaso o coração, em desalento,  
pulsar, sem alegria um só momento  
e sem conter do Amor gentil guardada.

Para que serve, no deserto, a vida  
sem um sorriso, um doce pensamento?  
Na aridez sepulcral do isolamento  
a vida é uma tristeza indefinida...

Mas se a vida decorre entre a fragrância  
de um místico rosal de mil delícias  
onde palpita, numa suave ânsia

de amor, o coração, na ânsia incontida  
de gozos, de ternuras, de carícias,  
a vida vale a pena ser vivida!

## DESILUSÃO

O mundo é todo cheio de esperanças,  
a vida é toda plena de quimeras,  
que a gente, neste vale de bonanças,  
vive a sonhar com ledas primaveras.

Flores, perfumes, risos, aves mansas,  
sonatas deliciosas, mil esferas  
celestiais, são pálidas lembranças  
da vida, nestas fulgurantes eras...

Como é bela a existência assim... Mas, quando  
menos se espera, surge um monstro horrendo,  
impiedoso, as ilusões matando...

Vem a Desilusão... Cheio de espantos  
o mundo se transforma, então, tremendo,  
em negro vale de amargosos prantos.



## AVANTE!

*Ao distinto e caro Amigo Dr. Oscar Lima,  
“PAI DA POBREZA”, como muito bem o disse  
Estevão de Mendonça.*

Sei que é cheia de espinho e de aspereza a senda  
que palmilhas em pós do teu belo ideal:  
mas tu tens por divisa a sublime legenda:  
“CARIDADE”, brilhante e esplêndido fanal.

Segues por isso heril a estrada triunfal  
que traçaste na tua orientadora agenda,  
sem mácula e temor, soberbo e rijo, qual  
um cavaleiro andante e típico de lenda.

Cultuando a ciência e em busca da verdade,  
despetalando vais a flor da mocidade  
nos estudos sutis da humana natureza.

Avante! Que o porvir te aguardará risonho  
quando alcançares teu excelso e linho sonho  
– Sacerdote do Bem, arrimo da pobreza.

## SONETO

*Ao poeta das Ilusões doiradas,  
Antônio Tolentino de Almeida.*

Flores eternamente vicejantes,  
que não se crestam ao calor do estio,  
e que resistem da invernada ao frio  
tão frescas, perfumadas e brilhantes.

Flores primaveris, que os doidejantes  
colibris do ideal que acaricio  
vão beijar, escutando o murmúrio  
de embalsamadas brisas sussurrantes.

Pois essas flores, dores derramadas,  
alegrias e cânticos dispersos,  
palpitações, delírios, ansiedade,

sonhos de amor, saudades evocadas,  
o ramalhete formam dos teus versos:  
doiradas ilusões da mocidade.

Rosário-Oeste, 20.10.1912.

## T A P E R A S

Eu fico triste ao ver estas taperas,  
negros panos de muro derrocados,  
agora cheios de ervas; noutras eras  
de flores e festões engrinaldados.

Quanta alegria noutras primaveras...  
Quantos sonhos de amor enclausurados,  
desfeitas ilusões e vãs quimeras,  
nestas taipas de aspectos desolados.

Quando contemplo estes montões de ruínas  
no silêncio das longas noites frias  
e à débil luz de estrelas peregrinas,

eu penso nesses pobres corações  
abandonados pelo amor – sombrias  
e ermas taperas das desilusões.

## A Q U E D A

No incessante plangor, nas guaias dolorosas  
que as águas, se estorcendo em brusca convulsão,  
urram, bramem, mordendo as fragas alterosas,  
há um profundo mistério, uma oculta aflição.

O cavo regougar de vozes lamentosas  
que se eleva febril, de cachão em cachão,  
parece o soluçar de dores tormentosas  
que ressumbra, carpindo, um pétreo coração.

E a torrente caudal de espumarentas águas  
desfiando um rosário intérmino de mágoas  
levanta o móbil dorso e pula sobre o abismo.

E espadanando cai sobre o pedrouço adusto  
num rábido estertor de gigante robusto  
que agoniza, rugindo, em doido paroxismo.

## A ALMA DA FLOR

A Natureza,  
nos seus caprichos arrebatadores,  
fez do conjunto da Arte e da Beleza  
as lindas flores.

Deu à carola de brilhantes cores  
a macieza  
e os esplendores  
da forma, e singular delicadeza.

Os estames formou, fez o pistilo,  
e num estilo  
incógnito talhou o cálix belo.

Depois criou com máximo desvelo  
o doce olor  
– a alma da flor.

## CRUZ SOLITÁRIA

Longe da vila, à beira de uma estrada,  
em lugar pedregoso e solitário,  
ergue-se um velho emblema do Calvário,  
uma cruz carcomida e mutilada.

O viajor que em rude caminhada  
passa, em busca do seu destino vário,  
lê, nesse lenho mudo e extraordinário,  
uma história sangrenta e desvairada.

Talvez alguma cena de ciúmes,  
dessas comuns na vida sertaneja,  
desenrolada à branca luz do luar.

Uma tocaia. Um tiro. Alguns queixumes  
na calada da noite malfazeja  
e um cadáver em sangue a se banhar...

## A ASSASSINA

Essa que tem da estrela a luz divina  
no seu macio e veludoso olhar;  
que tem a voz tão meiga e cristalina  
como a дума ave lépida a cantar;

que possui a fragrância da bonina,  
adorno e gala dos jardins sem par;  
e a cor da rosa, a rosa purpurina,  
das flores a rainha singular.

Essa por quem palpita ardentemente  
meu pobre coração sincero e crente;  
essa virgem gentil dos sonhos meus,

assassinou minh'alma ardente e louca,  
unida a sua boca à minha boca,  
com a doçura fatal dos beijos seus.

## M O R T A !

Sempre que aquela loira criatura  
por minha porta, de manhã, passava,  
com doce voz alegre me saudava  
cheia de encanto e cheia de ternura.

Eu, esquecendo a minha desventura,  
a menina jovial cumprimentava  
e feliz e contente então ficava  
por ver passar a criancinha pura.

Mas por linda manhã cheia de encantos,  
tendo deixado o lar paterno em prantos,  
ela muda passou por minha porta.

E chorei, e inda choro ao me lembrar  
que a criança gentil, de meigo olhar,  
num caixãozinho era levada morta.



## S E S T A

Ei-la que se reclina de mansinho  
por sobre a relva viridente em flores,  
entremostrando os seios tentadores,  
a basta cabeleira em desalinho.

À sombra de um florido bosquezinho,  
nos momentos de calma, encantadores,  
ela vem escutar os trovadores  
que nas virentes comas fazem ninho.

E ouvindo o pipilar do bando alado  
cerra as rosadas pálpebras macias  
numa gentil e branda sonolência.

E eu, de joelhos, fico absorto, ao lado  
desse conjunto vivo de harmonias  
que se abandona aos braços da indolência.

## O S Í M B O L O D O A M O R

Nesse teu juramento que fizeste  
de amar-me eternamente, flor, não creio,  
embora sejas pura, pois receio,  
talvez uma mentira cometeste.

Tu choras... Inda bem, arrependeste  
de lançar-me, iludido, nesse enleio.  
Nos teus lacrimejantes olhos leio  
que falso foi o que me prometeste.

Se tu me adoras, como dizes, bela,  
dá-me uma prova, angelical donzela,  
basta um só beijo, minha linda flor...

Agora sim, celeste criatura,  
cego acredito nessa tua jura,  
porque é o beijo o símbolo do amor.

## BELEZA GLACIAL

Alva de neve, como a neve, é fria  
essa donzela celestial, serena.  
Tem a beleza de uma fantasia  
e a candura sublime da açucena.

Dos seus olhos brilhantes irradia  
suavíssima luz, formosa e amena,  
contendo uns tons de vaga nostalgia,  
uma tristeza infinda que envenena.

Mas corações gemendo delirantes,  
almas cheias de dores lancinantes  
que por ela se estorcem na agonia,

tudo ela fita com glacial frieza.  
Parece a própria estátua da beleza  
feita de neve e, como a neve, fria...

## O J A G U A R

Truculento e faminto, pela mata  
desliza, vagaroso e sorrateiro,  
o jaguar sanguinário e traiçoeiro,  
de alguma presa suculenta à cata.

Súbito para. Às bordas de um ribeiro  
de sussurrante ninfa cor de prata  
que se despenha em múrmura cascata  
ele dirige o olhar vivo e matreiro.

E vê, por entre os ramos agitados  
pela brisa que sopra mansamente,  
uns caítitus que fossam descuidados.

A fera forma o pulo... E, após a luta,  
conduz um caítitu, gulosamente,  
para matar a sua fome bruta.

## A F O R M I G A

Aos vaivéns, incansável, pressurosa,  
anda a formiga ativa e diligente  
à cata da migalha que a sustente  
ou construindo a habitação curiosa.

Não há no formigueiro vida ociosa.  
Ali, trabalha-se constantemente,  
reine o verão insuportável, quente,  
caia do inverno a chuva copiosa.

E se a formiga é lépida operária,  
às vezes, impelida para a ação,  
mostra-se belicosa e temerária.

E preceitos nos dá do socialismo,  
servindo para o “Rei da Criação”  
de exemplo do trabalho e do heroísmo.

## A VAQUEJADA

Pelo dorso da estrada poeirenta,  
sob o látigo atroz do sol a pino,  
a boiada caminha com destino  
ao curral, arquejante e suarenta.

Há refrega durante a violenta  
na imensidão do campo esmeraldino  
entre os rijos vaqueiros e o ladino  
gado, num estrupido barulhento.

Mas fechado o rodeio e encaminhado  
para o vaquejador, vai o rebanho  
a mugir, tropeando sossegado.

E o guia, escarranchado no lombilho,  
evoca os namoricos seus de antanho,  
aboiando um patético estribilho.

## B E I J O S

Há beijos pelo azul, beijos cantantes,  
trocados entre as leves andorinhas.  
Pelos bosques sombrios, verdejantes,  
permutam beijos, lestras avezinhas.

Borboletas faceiras e elegantes  
beijam gráceis as cândidas florinhas.  
E o sol, de raios fulvos e ofuscantes,  
dos montes beija a indefinida linha.

E a brisa oscula as farfalhantes comas;  
há beijinhos sutis entre os aromas  
e a fonte beija a relva enternecida.

Em tudo vibra a música dos beijos.  
Vem, querida, matar os meus desejos,  
vem beijar-me também, mulher querida!

## NOITE

*Ao musicista cego*

*Levino Albano da Conceição*

*– meu grande amigo.*

Noite. Um sudário feito de negrumes  
desdobra-se, envolvendo a Natureza.

E não se vê, no escuro céu, acesa,  
nenhuma das estrelas, áureos lumes.

Tudo em trevas mergulha-se. Cardumes  
de invisíveis espectros cantam. Presa  
nossa alma de uma vaga tibieza,  
ouve de órfãos da luz brandos queixumes.

Nem um fulgor, um brilho não se avista...  
E nesta horrída noite, nobre artista,  
eternamente vives mergulhado.

E, no entanto, inspirado pela Arte,  
eu te vejo, a fulgir, por toda parte,  
de uma auréola de glórias circundado.



## A MULHER

A mulher... Nem sei como defini-la:  
seja um misto satânico e divino  
que o amor conduz e o ódio, que abomino,  
em sua baça ou rútila pupila.

Sente nossa alma, lívida, em ouvi-la,  
sons de sinistras nênias ou de um hino.  
O seu olhar tão doce e tão ferino  
nos reconforta e, às vezes, nos mutila.

Enigma indecifrável, muda esfinge  
que nos traz esperança ou desengano,  
que afirma e logo após, risonha, finge...

A dúvida nos vem tão só por vê-la:  
– Anjo? Demônio? Humano? Sobre-humano?  
A mulher... Nem sei como descrevê-la.

## A O L U A R

Estranha sensação a luz da lua  
me traz, por essas noites silenciosas,  
em que um perfume edênico de rosas,  
esquisito e sutil pelo ar flutua.

A virgem loira, palpitante e nua,  
que paira lá nas plagas misteriosas  
onde esvoaçam nuvens vaporosas,  
na minha mente atribulada atua.

Sinto invadir-me atroz melancolia  
quando contemplo o fio gotejante  
de luz que a lua verte, branca e fria.

E minha alma a esse pranto não resiste  
e contristada, ansiosa e delirante,  
um pranto verte como a lua triste...

## A O A M A N H E C E R

As trevas açoitando aos golpes de seus raios,  
do leito azul-celeste o sol já se levanta.  
Inda se vê no céu, nos últimos desmaios,  
a Estrela da Manhã que nossa vista encanta.

Pelo espaço sem fim álacres papagaios  
agudo vozear desatam da garganta.  
Gorjeiam no arvoredos os passarinhos gaios,  
e na terra e pelo ar a natureza canta.

Nos ninhos há um rumor de beijos e carícias.  
Borboletas gentis, em bizarras milícias,  
parecem profusão de flores em adejos.

E plantas e animais palpitam docemente,  
ao ver surgir ao longe o sol, serenamente,  
por entre hinos de amor e crepitar de beijos.

## A O C A I R D A T A R D E

Contemplo ao longe a mata e a suprema elegância  
de uma esbelta palmeira, e na tarde outonal  
minha alma extasiada aspira essa fragrância  
que se evola, sutil, de um místico rosal.

Rumorejam, rufando as asas, em uma ânsia  
de amor, bandos gazis de andorinhas. No umbral  
da porta do Ocidente o sol morre e a sonância  
de ideais bandolins se desprende do val.

Doces meditações, suaves fantasias  
me vêm à mente, à tarde, em lindas harmonias  
de som, de luz, de cor, de divinais perfumes.

E a tristeza me vem dessas horas passadas,  
nostalgias sem fim, quantas cousas sonhadas,  
saudades, sustos, ais, inefáveis queixumes.

## O S U R U B U S

Ei-los em revoada pelos ares  
lançando à terra olhares de cobiça,  
os urubus, alguns já seculares,  
à procura da fétida carniça.

Depois a turba negra, assustadiça,  
num cadáver de boi, onde milhares  
de vermes tumultuam, se encarnaça  
numa explosão de grasnos singulares.

Na podridão chafurda o bico adunco  
gulosamente, aos pinchos, sacudindo  
suas asas flexíveis como o junco.

Logo após o repasto, o nauseabundo  
bando, num galho seco, asas abrindo  
ao sol, digere esse banquete imundo.

## O S A P O

Sujo, gosmento, inchado, nauseabundo,  
com o papo a bater em sonolência,  
num recanto de charco, torvo e imundo,  
o sapo arrasta mísera existência.

E quando a tarde desce, o vagabundo  
habitante lacustre, com paciência,  
aos pulos, em negaças, iracundo,  
sai à cata da parca subsistência.

Mas se a noite é medonha e procelosa,  
se é negro o céu, sem astros, sem fulgores,  
a delícia da vida o sapo goza.

Na nudez sepulcral da treva fria  
descanta os seus aquáticos amores  
numa canção monótona e sombria.

## BACURAUS

Bacuraus, que adejais pela tardinha  
aos ziguezagues pelo espaço afora,  
o vosso voo incerto me apavora,  
pois me traz à lembrança a sorte minha.

Como a volúvel, tortuosa linha  
que traçais pelo espaço nessa hora,  
assim minha alma tristorosa chora  
para só depois sorrir a pobrezinha.

E como vós, que andais cruzando os ares,  
em rápidos volteios singulares  
à palidez marmórea do sol-posto,

minha alma vaga assim, triste, erradia,  
ora presa nas fímbrias da alegria,  
ora envolta nos véus de atroz desgosto.

### VELHO FAROL

Ante a Cidade Branca, num rochedo,  
eleva-se o farol, velho e exaurido,  
que ali, sozinho, jaz quase esquecido,  
atalaia dispersa, mudo e quedo.

Passam-se os dias... No alto do penedo,  
como um fantasma trêmulo, perdido,  
ei-lo a mirar o séquito comprido  
dos camalotes... Que cruel degredo!

Mas quando a noite é tétrica e trevosa,  
e o vento ulula, solevando as vagas,  
do fanal a luz branca e generosa

indica o rumo ao timoneiro audaz.  
Bendito sejas tu, farol, que afagas  
o ideal de servir e nada mais...



## H O R A S

Quando, ofegante e ansioso, nos teus braços  
o nosso ardente amor gozo e desfruto,  
eu me esqueço do tempo nesses laços  
e a hora, para mim, dura um minuto.

Mas quando de ti longe e abandonado  
eu suporto, febril, as minhas dores,  
uma hora, ó!, celeste anjo adorado,  
é para mim um século de horrores.

## O C A S O

Um sino plange tristonho  
no coruchéu da capela.  
O firmamento é risonho.  
E a vida parece um sonho  
que se esvai com a tarde bela.

Delira o sol, na agonia,  
entre nuvens cor-de-rosa.  
Canta o sino a ave-maria.  
E a luz, o encanto do dia,  
morre em delíquios, saudosa.

Que nostálgica tristeza  
perpassa por sobre a Terra!  
De angústia parece presa  
toda a linda natureza  
– o vale, a planície, a serra.

E a noite cai silenciosa,  
envolvendo, um negro véu  
toda a amplidão misteriosa.  
Há prantos na terra ansiosa  
e há lágrimas pelo céu.

Cessa do sino a voz triste...  
E aos poucos desaparece  
a luz, que a tudo que existe  
diz um adeus, que consiste  
numa estranha e muda prece.

Depois só fica o negror  
da noite mística e fria,  
cheia de sombra e de horror,  
de incertezas, de pavor  
e de atroz melancolia.

A vida é o sol fulgurante  
de um dia primaveril,  
que resplandece um instante;  
depois, no ocaso, expirante,  
mergulha, soberbo e heril.

E a morte, a noite medonha,  
vem após, inexorável,  
pesada, negra, tristonha,  
e envolve a vida risonha  
com seu mistério insondável.

## CIPRESTES

Vós que tristes viveis nos ermos cemitérios,  
onde jazem dormindo inteiras gerações,  
vós trazeis para mim, ó! ciprestes funéreos,  
sinistros ideais, fatais meditações.

Quando vos vejo assim, merencórios, tristonhos,  
espectros a fitar a branca luz do luar,  
eu penso que velais, árvores dos meus sonhos,  
pela profunda paz da lousa tumular.

E quando o vento sopra em noite tormentosa,  
noite própria de horror, de crimes, de mistérios,  
cantais na solidão profunda e pavorosa  
uma horrenda canção, uns cânticos funéreos.

Às vezes, em vós pousa a coruja agourenta,  
ave que, de viver nas trevas, teve a sorte,  
e nêias ela entoa, e convosco lamenta  
num duo horripilante a hediondez da morte.

Vós tendes para mim, ciprestes, semelhança  
de gênios augurais que trazem, sobranceiros,  
para os vivos, quem sabe?, a última esperança,  
para os mortos, talvez, consolos derradeiros.

Quando vos fito assim em dúvidas, cismando,  
Um negro pensamento esta minh'alma assombra:  
– míseros os que ao longe andam vos contemplando,  
ditosos os que estão dormindo à vossa sombra.

## ANGICO MUTILADO

Estes destroços de partidos galhos  
que o machado cruel fez em frangalhos  
vibrados pelas mãos do lenhador,  
eram outrora viridentes ramos  
onde cantavam ledos gaturamos  
cheios de vida, de esperança e amor.

Eram ramadas de um frondente angico  
noutros tempos de seiva e vida rico,  
hoje mirrado, ressequido e vil.

Ali se ouvia, entre ideais carícias  
e inefáveis e álacres delícias,  
do ninho a orquestra gárrula e gentil.  
Ali da tarde aos róseos esplendores  
faceiras borboletas multicores  
vinham com a brisa trêfega brincar.  
E quantos seres, quando o sol ardente  
os campos escaldava impenitente,  
à sua sombra vinham se abrigar!

Mas agora, aos pedaços, carcomidos,  
serão esses destroços consumidos  
pelo fogo implacável e voraz.  
— Homem, tua sina a deste angico é irmã:  
hoje força e vigor, mas amanhã  
a inexorável morte, e nada mais...

## VELHA AROEIRA

*A José de Mesquita*

Na verde capoeira, entre arbustos mirrados,  
qual monumento eterno esculpido em granito,  
uma velha aroeira os braços descarnados  
ergue, como a pedir compaixão do infinito.

Outrora, quando a selva era basta e frondente,  
na sua virgindade estupenda e brutal,  
ela então pompeava a coma viridente  
sobre as suas irmãs, de modo triunfal.

Pois naquela maranha imensa de ramadas,  
na densa confusão de soberbos cipós,  
ela sobrepujava as velhas camaradas  
como a desafiar o vendaval atroz.

Depois, num belo dia, implacável, possante,  
veio a segure audaz do rude lavrador  
e abateu sem piedade a floresta gigante,  
num trabalho cruel, perverso e destrutor.

E da imensa extensão da mata extraordinária,  
onde o astuto jaguar ferino se abrigava,  
ficou essa aroeira anosa e solitária  
como recordação dessa floresta brava.

Apenas o machado em sua fúria vasta  
a corcha lhe rompeu, rancoroso e cruento,  
como o raivoso e mau e diro iconoclasta  
que ousasse derruir um brônzeo monumento.

Numa tarde sombria e cálida de agosto,  
na aguarentada mata inerte e ressequida,  
o incêndio se alastrou, de propósito posto,  
deixando tudo em cinza, e sem alento a vida.

A árvore secular, porém, ficou despida  
da víride ramada, e lambida atrocemente  
pelo fogo voraz, crestada e denegrida,  
a custo resistiu à queimada inclemente.

.....

Algum tempo depois o vasto milharal  
viçava onde era outrora o bosque umbroso e enorme,  
e sobre a roça, qual Briaréu colossal,  
a aroeira ostentava o seu vulto disforme.

E hoje, elevando aos céus os braços descarnados,  
seca, isolada e nua, essa velha aroeira  
parece assim de longe, entre arbustos minados,  
saudosa evocação de mata sobranceira.

## M A R I P O S A S

Na luz, que brilha serena,  
por noite suave e amena  
de placidez langorosa,  
quanta vez não vai queimar-se,  
para na morte abismar-se,  
a volúvel mariposa?

Ela chega, e enfeitiçada  
pela miragem doirada,  
põe-se às tontas a adejar  
em torno da luz fagueira,  
‘té que ao meio da fogueira  
vai, sonhadora, tombar.

Da luz do amor quantas almas  
outr’ora plácidas, calmas,  
vão em torno voejar?  
Mas delirantes, frementes,  
mariposas imprudentes,  
vão o desprezo encontrar...



## N I N H O

Como é belo ver os lindos passarinhos,  
vivas joias de raros esplendores,  
construírem nos floridos galhinhos  
os ninhos seus de divinais primores.

Quantos sustos de amor, quantas delícias  
gozam naquela quadra venturosa  
quando, por entre chilros e carícias,  
a vida é um sonho breve e cor-de-rosa.

O ninho é berço de inefáveis gozos,  
que nos virentes ramos se embalança;  
é feito entre gorjeios melódiosos,  
palpitantes de amor e de esperança.

Com que cuidado os ledos passarinhos  
constroem suas tramas delicadas,  
talvez sonhando para os seus filhinhos  
felicidades inda não sonhadas.

## VILANCETE<sup>17</sup>

Senhora: o meu coração  
por vós somente palpita  
cheio de amor e paixão.

### **Volta**

Quando vos contemplo, então  
meu peito todo se agita  
numa ansiedade infinita.  
Fica fremente, loução,  
numa doce agitação,  
como uma ave que saltita,  
Senhora, o meu coração

cantando a doce canção,  
a cantilena bonita,  
que por vós, mulher bendita,  
fiz, a tremer de emoção,  
sinto um fogo que crepita  
nesta alma, que em contrição  
por vós somente palpita.

.....

17 *Vilancete* é o mesmo que *vilhancete* ou *vilancico*. Na música, é um tipo de composição polifônica espanhola surgida no século XVI, com textos profanos. Ao longo do século XVII, transformou-se em gênero de composição com as mesmas características formais, porém com textos predominantemente natalinos.

Poderia crer, p'ra minha dita,  
na sincera confissão  
que vos faço com unção.  
Minha alma já vive aflita  
pela vossa hesitação.  
Meu coração já se irrita  
cheio de amor e paixão.

### **Ofertório**

A vossos pés, tão contrita,  
minha alma pede perdão  
pela ousadia inaudita  
de vos dar meu coração.

## PRIMAVERA

O amor impera  
na terra linda  
cantando a vinda  
da Primavera.

No firmamento  
o sol se eleva.  
Finda-se a treva.  
Deslumbramento.

Ó! Quanto anseio,  
quanta beleza  
da natureza  
no farto seio.

Pelas campinas  
verdes, suaves,  
cantam as aves  
canções divinas.

Beijam as flores  
as borboletas  
vermelhas, pretas  
e multicores.

Palpitam flores  
desabrochadas  
e enamoradas  
tremem de amores.

Placidamente  
desliza o rio  
num balbucio  
doce e gemente.

Ao longe os montes  
no azul se alteiam  
e se encadeiam  
nos horizontes.

Gotas cintilam  
de fresco orvalho.  
No flóreo galho  
insetos trilam.

O amor impera  
na terra linda  
cantando a vinda  
da Primavera.



Busto do poeta Luiz Feitosa Rodrigues, defronte à instituição Seleta Sociedade Caritativa e Humanitária (SSCH), que ele fundou juntamente com outros contemporâneos, na rua Silva Jardim, em Corumbá-MS.  
Foto: Walmir Cezaretti de Freitas.

Parte IV  
Folhas de Outono

Ao poeta e velho companheiro

Luiz Feitosa Rodrigues.

O Sol descamba e desmaia.

Balança a brisa a folhagem.

Suave luz. Tarde bela.

As ondas brincam na praia.

*Luiz Feitosa Rodrigues*

## M E D I T A N D O

À *Rosita*

Por noite velha, meditando a sós  
sobre a fragilidade desta vida,  
vi que tudo é fugaz, que logo após  
o prazer vem a mágoa dolorida.

De que serve o sorriso, quando, atroz,  
o pranto molha os olhos, em seguida?  
Se hoje cantamos, amanhã a voz  
será tristonha, à dor dando guarida.

E nesse perpassar de longos dias  
a existência decorre fatalmente  
ora triste, ora cheia de alegrias.

E vivemos assim, sempre indecisos,  
a desfiar, rezando eternamente,  
um rosário de lágrimas e risos...



## BURITI SOLITÁRIO

Alto, esbelto, ostentando o flutuante  
flabelo pelos ventos sacudido,  
domina o varzear verdejante  
um solitário buriti perdido.

Sai-lhe dos pés um veio sussurrante  
de cristalinas águas, que o sentido  
nos traz de ser um pranto gotejante  
por esse anoso buriti vertido.

Chora talvez o tristonho fado  
de ter nascido assim abandonado  
na imensidade dessa solidão.

Chora... E as sentidas lágrimas tão puras  
às brenhas vão narrando as amarguras  
da exilada palmeira do sertão.

## MANHÃ RIBEIRINHA

Desliza calmo o rio, esfolado de leve  
pela fagueira brisa. É de manhã. Nos ares  
aves passam gazis, aos bandos, aos milhares:  
papagaios louçãs, alvas garças de neve.

Fulvo desponta o sol; nesse momento breve  
a vida tumultua e desperta nos lares.  
Nas praias há um rumor de adejos singulares:  
é a gaivota veloz que à caçada se atreve.

Na extrema curva, acima, aponta uma canoa  
que vem rodando assim, devagar, brandamente,  
aos caprichos do rio e sem um rumo, à toa.

Na popa da piroga um pescador então  
ferra um jaú no anzol. Sorri, alegremente.  
Estão seguros peixe e caldo p'ra o pirão.

## A I A R A

Nos profundos peraus do torvo rio,  
na calada da noite tenebrosa,  
a Iara, a esbelta cunhantã formosa,  
seduz o incauto pescador gentio.

E começa num doce murmúrio  
uma canção suavíssima e enganosa,  
prometendo ventura deliciosa  
de gozos mil ao indígena erradio.

Deslumbrado e arrostando-se o selvagem  
a um perigo que nunca suspeitara,  
deixa a piroga e morre na voragem.

Ó! Corações que o Amor tenta e fascina,  
cuidado! O Amor é como a treda Iara:  
– Seduz-vos, logo após vos assassina!

## NEGRINHO D'ÁGUA

Narrou-me o Zé Caboclo, pescador  
afeito às brutas lidas do sertão,  
que em noite velha viu, cheio de horror,  
uma estranha e esquisita aparição.

Era um feio moleque, um estupor,  
mais negro que um pedaço de carvão,  
que, emergindo do rio, com vigor  
na piroga deitara a esguia mão.

— Quero fumo! — pediu, todo arrogante,  
o morador intruso da coivara  
onde se aninha a sucuri gigante.

E o Zé Caboclo, canoeiro audaz,  
deu-lhe a masca exigida, e então jurara  
não mais pescar à noite, nunca mais...

## MARTÍRIOS

Sabe-se, e consta nos Anais da Câmara Municipal de Cuiabá, que na Província existe um lugar denominado – Martírios –, onde abunda extraordinariamente o ouro. A altura, porém, em que fica esse repositório de riqueza, é até hoje um mistério.

(Joaquim Ferreira Moutinho, *Notícia sobre a Província de Mato-Grosso*, 1869).

É fama que no seio absconso do sertão  
Anhanguera, o esforçado e rude bandeirante,  
na sua temerária e arrojada incursão,  
riquíssimo tesouro encontrara, exultante.

Ouro!... E o flavo metal em copiosa eclosão  
forrava o fulvo leito esplêndido e brilhante  
de límpida torrente, e o pioneiro, então,  
viu-se preso, talvez, de um sonho delirante.

Depois, pela parede escarpada de fragas  
que cercava a jazida, avistou com surpresa  
os martírios de Cristo, em gravuras pressagas.

Voltou... E nunca mais foi outra vez achado  
o tesouro fatal que a pulcra Natureza  
escondeu no sertão, qual mendaz Eldorado.

# P É D E G A R R A F A

– I –

Venâncio é preto velho octogenário,  
mas inda pega duro na labuta,  
quando, na densa mata escura e bruta,  
anda a caçar, sem prévio itinerário.

Não caça bicho... Em rumo sempre vário,  
cobiçada raiz pesquisa. E em luta  
com tropeços sem fim, ouvindo a escuta,  
rompe da mata o arcano extraordinário.

E o negro velho, saraquá na mão,  
garrucha de dois canos na cintura  
mais o afiado e rústico facão,

percorre as ínvias selvas, palmilhadas  
só por índios e feras, à procura  
das raízes de ipeca, ambicionadas.

– II –

Certo dia, o arrojado sertanista  
saía antemanhã do rancho, certo  
de abundante colheita, nunca vista  
fazer, sem muito andar, ali por perto.

Pois sonhara que havia descoberto  
uma vasta “panela”... E foi na pista  
indicada no sonho. O negro esperto  
antegozava as glórias da conquista.

Mas andou por lugares tão sombrios,  
cerrados pacovais varou, medonhos,  
e transpôs densos bosques, altos, frios,

que Venâncio, que ria dos bisonhos  
poaieiros, sentiu uns calafrios,  
e chegou mesmo a duvidar de sonhos.

– III –

Escurecia. O antigo canhambora  
estava inteiramente enclistado,  
pois havia perdido o rumo, e agora  
um pouso procurava com cuidado.

Aguardar o romper da fresca aurora  
no meio dessas brenhas, circundado  
de perigos sem conta, aquilo, afora  
sem ter do sonho o belo resultado,

era horrível... E o rijo poaieiro,  
acostumado a tudo que é desgraça  
desde o tempo fatal do cativo,

resolveu confirmar os dons da raça:  
deitou-se sob as frondes de um cedreiro  
e envolveu-se do pito na fumaça.



– IV –

Estava o negro na modorra, quando  
ouviu um grito, voz tão pavorosa,  
que fez tremer o solo, perturbando  
o silêncio da selva misteriosa.

E tudo se agitou. Quatis, em bando,  
fugiam pela mata em polvorosa;  
antas, veados, caititus, pulando,  
corriam numa fuga furiosa.

Macacos, lá nas grimpas do arvoredo,  
se ocultavam, tolhidos pelo medo;  
saguis nem tinham voz, tal o pavor.

E mesmo o soberano da floresta,  
o valente jaguar, franzia a testa,  
subindo pelos troncos, com vigor.

Surgiu então à frente do mateiro  
um monstro fabuloso, horripilante;  
tinha o todo de um mono, mas gigante  
no porte, pelo hirsuto, olhar matreiro.

Vinha rasgando a mata tão ligeiro  
que fazia um barulho impressionante;  
parecia um tufão, que nesse instante  
varresse as brenhas do sertão inteiro.

Quando o “bicho” avistou, com fúria intensa,  
daquela terra o audaz devassador,  
a dentuça mostrou, pontuda, imensa,

e arregaçando a garra poderosa  
das mãos, pulou, grunhindo. Mas que horror!  
Tinha um único pé a fera irosa!...

– VI –

Era o “Pé de Garrafa”! Esse avejão  
cuja existência sempre duvidara,  
e Venâncio, com tal coragem, rara,  
preparou-se p’ra luta. Uma oração

ligeiro recitou, erguendo o cão  
da garrucha fiel, e então, na cara  
da insana fera, disparou... Errara?  
Não... Mas cuspiu o “bicho” a munição!...

Empunhando o facão, o poaieiro  
rijo golpe vibrou, porém fugiu  
das suas mãos o férreo companheiro.

Como remédio extremo, no inimigo  
Venâncio então, certo, desferiu  
do saraquá um bote, sobre o umbigo.

– VII –

Venâncio, inda a tremer por uns instantes  
ouviu do “bicho” a infrene gritaria,  
quando, pulando só de um pé, fugia  
através das touceiras verdejantes.

Depois reinou silêncio entre as gigantes  
araputangas mil da mataria  
a intérmina floresta parecia  
funérea, muda, atroz, sem habitantes.

O negro então, correndo, ensandecido,  
rumo contrário à direção seguida  
pelo monstro macabro, sem sentido,

foi cair mesmo junto ao beira-chão  
onde alguns companheiros seus de lide  
descansavam das lutas do sertão.

## LENDA DO RIO ABAIXO

Conta a lenda que em noite albente de luar  
um rude canoeiro, a sós, pescando à vara,  
de muito “peso” estava e inda nada apanhara,  
apesar dos ardis que sabia empregar.

“Inda que seja o diabo agora hei de apanhar”,  
disse o caboclo, iscando o anzol, e mal jogara  
a linhada ao perau, esta logo esticara,  
puxada por um peixe enorme e não vulgar.

A luta foi tremenda e fatigante a empresa,  
até que enfim o bravo e rijo pescador  
conseguiu tirar d’água a desejada presa.

Hoje vive o caboclo inteiramente gira,  
pois fisgara no anzol a própria mãe, que horror!,  
por um castigo atroz que o diabo lhe infligira.

## A YARA DO LAGO

*Um acróstico  
num Álbum:*

**M**ary: – Suponho um lago azul, cheio de encantos,  
**A**lém daquela serra ideal e risonha.

**R**eina nesse paul, onde entoa seus cantos,  
**Y**ara loira e gentil (tal um poeta a sonha...).

**R**endendo à sua graça a homenagem singela,  
**I**mperfeita e tãful de uns versos triviais,  
**B**eijo-lhe (e de tão longe!) a mão fidalga e bela;  
**E** ouvindo essas canções mimosas, divinais,  
**I**ncomparáveis sons de um violino mago,  
**R**eceio que se cumpra (— Yara, não cantes mais!)  
**O** destino do bardo: – afogar-me no lago...

## UM ACRÓSTICO

*No Álbum de Lya.*

**LYA:**

Imagino que sou um poeta  
A escrever um poema para Você...

**Minha fantasia**

Aos poucos modifica a minha vida asceta,

**R**endendo à sua graça um não sei quê

**T**ão gentil, tão reverente, que

**I**ndago:

**N**ão será essa a princesa fascinante,

**S**ublime, de um palácio mago,

**D'**um reino fabuloso, fulgurante,

**E** que virá, talvez um dia?...

**M**as não, não é verdade:

**E** me convenço que Você, querida L Y A,

**L**eva na frente altiva a estrela da bondade,

**O** símbolo risonho e puro da AMIZADE.

## M O C I D A D E

*No Álbum de Vera Maria.*

Loura manhã de abril. Pelas campinas  
refulge o orvalho em gotas cristalinas,  
quais lindos diamantes  
de custoso valor.

Em tudo há festa. Amantes  
alados, pelas franças verdejantes  
das florestas gigantes,  
entoam belos cânticos de amor.

Flores e mais flores  
a embalsamar os vales, e os pendores  
das serras altaneiras  
a nossa vista encantam.

Em tudo há poesia:  
nas palmeiras,  
ledos pássaros cantam  
em gárrula sinfonia...

Trilam insetos mil  
nas tramas portentosas da folhagem;  
brinca a fagueira aragem  
insinuando-se, gentil,  
por entre as lindas, cândidas boninas,  
cujo perfume esparze, buliçosa,  
por toda a natureza dadivosa.



Em tudo há doces beijos  
e maviosos arpejos  
de violinos ideais, sutis,  
como num quadro mágico, divino,  
espelhando jardins primaveris  
entrevistos num sonho peregrino.

Esse painel, VERINHA, na verdade,  
representa um casto simbolismo,  
essa quadra feliz: – a Mocidade,  
onde tudo é esperança e idealismo...

## ESPERANÇA

A.

Mas, nem tudo se acabou...  
Inda resta a doce,  
a fagueira esperança,  
essa luz que rebrilha ao longe, em noite escura,  
mostrando ao peregrino desgarrado,  
perdido, abandonado,  
um lugar de bonança  
e pousada segura.

Esperança,  
último anseio  
d'um coração partido  
que palpita num seio  
dolorido  
e, como um ninho ao vento, se balança.

Esperança – derradeiro bruxulear  
de uma débil candeia, fustigada  
pelo ventear  
da ríspida nortada,  
mas que resiste ao sopro do aquilão  
e ilumina suavemente,  
meigamente,  
um triste coração.

Esperança,  
eis tudo que resta  
daquele amor, que esquecerei jamais  
e deixou uma lembrança  
na minha vida, uma saudade mesta  
e nada mais...

## N Ã O S A B E ?

Não sei se ainda o amo...

*M.*

M...

Diz você que não sabe se ainda o ama...  
Que se tornaria a mais feliz das criaturas  
se um outro a quisesse;  
e esse outro a quis bem,  
quis seu amor, sua ternura...

Você, porém, não mais sente  
do primeiro  
uma lembrança, uma saudade...

Mas, por que, então, quando acariciada  
por outras mãos  
(infelizmente não pude acariciar Você ainda...)  
lembra o calor das mãos daquele  
cujos beijos não mais Você se esquece  
quando por outrem beijada?

(Ai! Que não beijei Você ainda...)

É que, M., o primeiro amor,  
embora morra, deixa sempre  
na boca da gente  
um gosto que nunca mais desaparece:

– o sabor sensual da originalidade.

## PLANOS FRUSTRADOS

Um corimpompão<sup>18</sup>  
foi subindo num muro descascado  
em busca das libélulas gentis  
que esvoaçavam sobre as trepadeiras  
cobrindo as velhas taipas das taperas.

(É a luta pela vida.)

Mas ao chegar, glutão, quase no topo  
da taipa esverdeada, escorregou-se  
o mísero réptil  
num trecho onde a caliça inda perdura;  
caiu no solo tão desapontado,  
desajeitadamente...

Quanto ideal,  
quantos projetos  
tombam fragorosamente  
como o pobre corimpompão.

É que a parede velha, esburacada  
da existência, possui certos trechos  
rebocados a caliça,  
onde escorregam planos  
havidos como quase realizados...

(São as decepções da vida.)

.....  
**18** *Corimpompão*: Mesmo que curimpampam, um tipo de lagarto.

## MEU RELÓGIO

Meu precioso Omega:

— És meu companheiro de muitos anos,  
meu amigo fiel, infatigável.

Rendo a minha homenagem à tua diligência  
e bendigo o dia em que te adquiri.

Levas um número:

6117276.

(Ó! Que número comprido...)

Gosto de ti, Omega querido,  
inolvidável camarada de todas as horas,  
horas doces, horas amargas...

Ouve, amigo:

— Não pares antes da minha morte!

## LEMBRANÇAS

Em todos os momentos  
meus pensamentos  
são para Você...

Se lhe desejo esquecer,  
se não lhe procuro ver,  
não sei por quê,  
mais a vejo,  
mais a desejo.

Já perdi a esperança  
de apagar o seu nome da lembrança...

## QUEM CANTA

Um João-de-Barro canta;  
que alegria na voz dessa avezinha.

Essa cantiga espanta  
a tristeza minha.

Eu também me pus a cantar  
para ajudar  
o pássaro faceiro, na missão  
de exterminar  
a dor que me atormenta o coração...

Mas sabe, Dulce, que me aconteceu?  
– A dor cresceu!...



## BILHETE ABERTO

*A. E. R.*

Se ouvir nos fora dado  
a eloquente mudez dos vegetais,  
quantos casos de amor, sensacionais,  
nos teria, decerto, revelado,  
a jaqueira soberba e viridente  
que além pompeia a sua coma altiva.  
Certamente  
a jaqueira proclama, em voz bem viva,  
segredinhos de amor, cousinhas tantas...

Mas quem pode entender a voz das plantas?

Assim, minha amiguinha, estás segura  
de que ninguém jamais conhecerá  
o que disseste, cheia de ternura,  
a alguém (que na penumbra ficará  
para sempre olvidado)  
sob a ramada densa da jaqueira,  
naquela tarde fagueira  
de um verão abençoado...

Podes ficar tranquila e bem feliz.  
Ninguém traduz o que a jaqueira diz...

## C O R A Ç Ã O   D A   M U L H E R

Afla de leve a brisa, os leques agitando  
da palmeira gentil; ora os lindos flabelos,  
caprichos vegetais, viridentes e belos,  
se inclinam para o sul, tremendo, palpitando...

Ora apontam o norte, aos arrepios, quando  
a brisa assim o quer, em seus doidos anelos;  
e os pontos cardeais, com múltiplos desvelos,  
percorrem cada dia, inconstantes, girando...

Coração da Mulher, escrínio misterioso,  
masmorra atroz que encerra um louco aventureiro  
que vive mergulhado em perene furor,

sois as palmas sutis de uma ideal palmeira,  
sempre apontando a trilha incerta e interesseira  
que vos ensina, a cada instante, o insano Amor.

## A M O R ?

Amar é próprio para os passarinhos  
que nas frágeis e vírides ramadas  
preparam ledos seus mimosos ninhos  
gorjeando canções enfeitiçadas.

E entre hinos de amor e de carinho,  
desde o descortinar das madrugadas,  
sonham meiguices para os seus filhinhos,  
almejam lindas ilusões doiradas.

Mas para mim – que vivo mergulhado  
na infinita tristura de minha alma  
e que em pesares passo desolado,

e que não tenho no meu coração  
um momento de gozo, uma só calma  
– o amor é um ponto de interrogação...



# Felicidade

O garimpeiro  
enche a bateia de cascalho bruto  
e num rápido minuto  
lava a terra, a sonhar, ansioso, o aventureiro.

É às vezes, a brilhar, no fundo da bateia,  
a gema preciosa o seu fulgor pompeia;  
outras vezes, ó! Não,  
o impávido mineiro  
encontra apenas a desilusão.

Vou também garimpar na grupiara  
que existe dentro do seu coração.  
Encontrarei, acaso, a pedra rara?  
Acharei, por desgraça, uma ilusão?



Realização